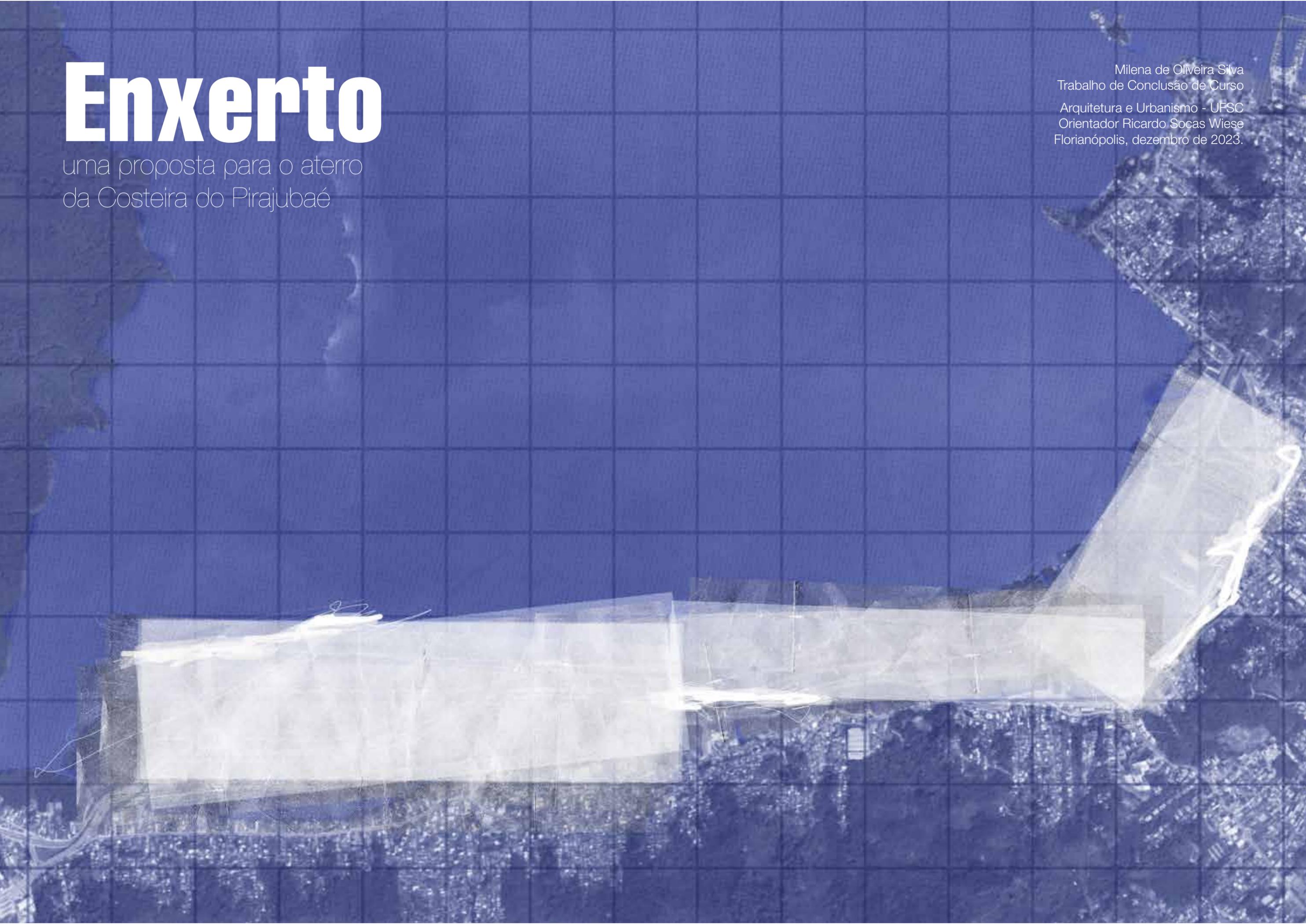


Enxerto

uma proposta para o aterro
da Costeira do Pirajubaé

Milena de Oliveira Silva
Trabalho de Conclusão de Curso
Arquitetura e Urbanismo - UFSC
Orientador Ricardo Socas Wiese
Florianópolis, dezembro de 2023.



2	Apresentação
3	Paisagem cultural
4	Costeira do Pirajubaé - A paisagem pré aterro
5	O aterro da Via Expressa Sul
6	A Costeira do Pirajubaé - A paisagem pós aterro
7	A valorização da cultura por meio do suporte a pesca artesanal/extrativismo e do turismo
8	O recorte
9	As oito camadas
11	Mapas de análise
12	Dinâmicas Socioculturais
13	Programa
14	Zoneamento
15	Implantação
16	O canal
17	Equipamentos
29	Referências



Paisagem Cultural

O conceito de Paisagem Cultural é um termo recente, consolidado em 1992 pelo Comitê de Patrimônio Cultural e definido em 1999 como:

“Paisagens culturais representam o trabalho combinado da natureza e do homem [...] são ilustrativas da evolução da sociedade e dos assentamentos humanos ao longo do tempo, sob a influência das determinantes físicas e/ou oportunidades apresentadas por seu ambiente natural e das sucessivas forças sociais, econômicas e culturais, tanto internas, quanto externas. Elas deveriam ser selecionadas com base tanto em seu extraordinário valor universal e sua representatividade em termos de região geocultural claramente definida, quanto por sua capacidade de ilustrar os elementos culturais essenciais e distintos daquelas regiões.” (UNESCO. Convenção do Patrimônio Mundial, 1999).

*UNESCO: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultural)

Em 2009, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) atualizou a definição geral dada pela UNESCO para um conceito local*, definindo a paisagem brasileira como:

“Paisagem Cultural Brasileira é uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores.” (IPHAN, 2009)

*Portaria IPHAN n. 127, de 30 de abril de 2009. Estabelece a chancela da paisagem cultural brasileira.

A partir destas definições, podemos constatar que a paisagem cultural se baseia nas relações do ser humano com a natureza conforme a identidade cultural dos grupos sociais envolvidos em um determinado lugar.

A definição de lugar consiste em locais onde há uma concentração e reprodução de práticas culturais de caráter coletivo, as quais são relacionadas a grupos que realizam transações de natureza material e simbólica. (NÓR, 2013)

Como aspectos materiais, entenderemos que é aquilo que abrange o campo da visão ou aquilo produzido pelas habilidades do homem. (NÓR, 2013).

Como aspectos imateriais ou simbólicos, iremos utilizar a definição de patrimônio imaterial dado pela UNESCO na Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial em 2003, da seguinte forma:

“Entende-se por patrimônio cultural imaterial as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas, junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhe são associados, que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.” (UNESCO. Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, 2003).

Desta forma, entende-se como aspectos imateriais todas as atividades e instrumentos que são elaborados pela esfera social em que seus grupos sociais reconhecem como formador da sua identidade cultural.

Além disso, a paisagem cultural abarca em sua concepção a temporalidade. Sendo o tempo definido na paisagem pela coexistência dos momentos históricos passados com o momento atual, também, a passagem de práticas, atividades, símbolos, tradições e expressões de geração a geração ao longo do tempo formador, junto com o espaço, de uma identidade coletiva e individual.

Assim, o conceito de paisagem cultural abrange tantos aspectos tangíveis quanto intangíveis, o material e o imaterial, o simbólico e o emocional, reforçando o caráter relacional e integrador do ser humano com o lugar e a paisagem construindo uma identidade coletiva e individual.

Desta forma, o seguinte trabalho irá analisar a região da Costeira do Pirajubáe seguindo o conceito de paisagem cultural utilizando-o como um instrumento de delimitação do recorte, definições projetuais e na construção de níveis de intervenções arquitetônicas na área de estudo.



Figura 1 - Conchas de berbigão para a fabricação da cal, Florianópolis, década de 1950. Foto: acervo do IBGE.

>> Figura 2 - Rosilda Silveira Raulino com sacos de berbigão, 1997 Foto: Reprodução Diário Catarinense.



Costeira do Pirajubaé

A paisagem pré aterro

A fama da costeira do pirajubaé começou pela qualidade dos campos de plantio que cobriam o morro e gerava insumos para a produção de açúcar, aguardente e melado no fim do séc XIX, além disso com o mar banhando os pés do bairro, a costeira também ficou conhecida pelos pescadores artesanais, extração do berbigão e suas caieiras de cal para a construção civil. (Matos, 2023)

No livro de Felipe Matos, “Berbigão: Memória, Tradição e Cultura”, encontra-se um breve relato escrito por um antigo morador do bairro, Aquiles Valdemiro Costa (Quido), que fala sobre o dia a dia vivido por seu pai, Waldemiro Cypriano da Costa:

“Ao amanhecer, ia para o morro, quer dizer, para um capão que pertencia ao Seu Durval [Durval Alves], onde tinha muita lenha e lá, com um machado, fazia um molho de lenha rachada. Trazia nas costas para colocar à venda para os vizinhos. Dizia ele que o dinheirinho desta lenha rachada era para comprar uma calça ou camisa para o Quido. No outro dia, ia ele com a canoa tirar uma folha de mangue que tinha uma tinta e se chamava charuteiro. As folhas eram levadas para uma fábrica, ali no Ferrugem [na atual rua Leopoldo Manoel de Siqueira], onde eram ferverdas e passavam por um processo para retirada da tinta. Quando não trazia as folhas, meu pai cortava com machado aqueles matos altos de mangue, picava em tamanho de um metro e vendia para os fornos de cal que havia ali. Os donos dos fornos eram o Chico da Marina e o meu compadre, o João Joca. Para trazer as folhas ou a lenha, ele caminhava trinta a quarenta metros atolado até a canela, dentro do mangue. Ainda tinha mais uma, nos dias de maré seca, ia tirar casca de berbigão, que vendia em latas de querosene. Chegava em casa morto de fome, tudo isto para sustentar a família.” (COSTA, 2009, p.56-57 Apud MATOS, p. 17, 2023).

O relato descreve as atividades extrativistas da região, como a extração do berbigão e a relação dos moradores com o mangue, usufruindo de sua madeira, utilizada nos fornos de cal, engenhos e para uso pessoal em suas casas. Além disso, no bairro é encontrado a casca de Mangue-vermelho e Mangue-branco que fornecem insumos para a pesca como taninos, resinas e corantes para a produção de redes de pesca e com as folhas de sapateiro eram comercializadas em curtumes depois de enroladas e ferverdas. Assim, o mangue era renovado devido ao seu manejo e extração de madeiras consideradas ruins. (Matos, 2013)

Entre os séculos XVI e a década de 1960 do século XX, as caieiras estiveram ativas, mas devido a chegada de materiais mais novos e tecnológicos para a construção civil e a proteção dos sítios arqueológicos sambaquis, as caieiras com produção de cal a partir de conchas tiveram seu fim (Matos, 2023).

Além de oferecer insumos para a construção civil, o berbigão, principal molusco extraído na região da Costeira, também servia como produto de comercialização local e constituía parte da alimentação das famílias que ali viviam.

Até os anos 70, o berbigão foi visto como um alimento associado às classes de baixa renda, como era consumido e comercializado na região qualquer morador podia extrair facilmente o berbigão para consumo próprio.

No fim da década de 80, o berbigão começou a ser comercializado para os grandes e luxuosos restaurantes de São Paulo, elaborado em pratos chiques e caros, o molusco teve uma elevação no preço, comparando-se com o do camarão, e iniciou a época de grandes vendas de berbigão da Costeira.

A partir disso, a coleta que antes era realizada com uma “colherzinha” e de forma artesanal recebeu novas formas mais rápidas e que coletavam mais em menos tempo para suprir a demanda de venda. (Matos,2013)

Chimbica, uns dos pioneiros na venda do berbigão em grande escala para São Paulo, desenvolveu e aperfeiçoou com o tempo práticas para um manejo das áreas de extração, em formato de zonas, enquanto se extraía de uma zona, a outra zona descansava para o berbigão se desenvolver. (Matos,2013)

Chimbica, uns dos pioneiros na venda do berbigão em grande escala para São Paulo, desenvolveu e aperfeiçoou com o tempo práticas para um manejo das áreas de extração, em formato de zonas, enquanto se extraía de uma zona, a outra zona descansava para o berbigão se desenvolver. (Matos,2013)

Em 1992, a Reserva Extrativista Marinha do Pirajubaé (RESEX) foi criada, a primeira do Brasil, com uma área total de 1.444 hectares abrangendo o manguezal do Rio Tavares e os bancos de areia de extração do berbigão. A RESEX é uma unidade de conservação federal de uso sustentável, na época de sua criação 115 famílias dependiam de seus recursos. A gestão da Reserva resultou em um plano de utilização da região, além disso quem vendia o berbigão deveria ter uma autorização do IBAMA, até dezembro de 1997 apenas 15 famílias possuíam.

A área de extração do berbigão teve uma diminuição depois da criação da RESEX, aproximadamente um terço da área de extração foi protegida e teve a extração proibida.

O berbigão se tornou parte da identidade do florianopolitano, sendo utilizado na culinária, na indústria da construção civil, associada ao esterco de curral ajudava na correção da acidez de solos banhados, arenosos e turfosos, como complementação de renda de famílias de pescadores e extrativistas, além de fornecer uma das festas de carnaval mais tradicionais da ilha, o “Berbigão do Boca.

A tradicional festa de Florianópolis traz consigo um festival gastronômico, mostrando todas as possibilidades de uso do berbigão, desde frito, cozido até usado em outras comidas como o pastel de berbigão, clássica comida do mercado público até os dias de hoje. Além disso, a festa que abre o carnaval é reconhecida como Patrimônio Imaterial de Florianópolis (Lei nº 8812, de 11 de janeiro de 2012).

A ilha da magia declarou, pela Lei Municipal No 10.394 de 20 de junho de 2018, a maricultura familiar, a pesca artesanal e o

extrativismo como atividades de interesse social e econômico de Florianópolis e no Art 5º descreve como objetivo a valorização do patrimônio material e imaterial da pesca artesanal e extrativismo marinho costeiro. Desta forma, Florianópolis passa a reconhecer a dimensão patrimonial da pesca artesanal e das atividades extrativistas.

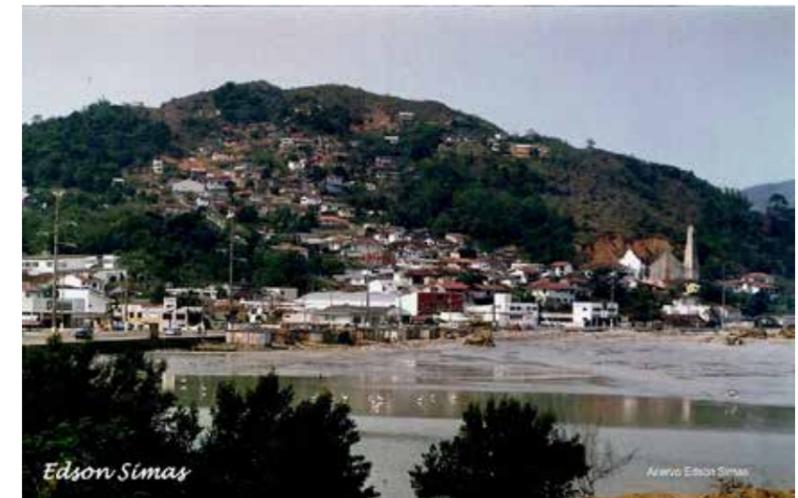




Figura 3: vista aérea da Costeira do Pirajubaé e Saco dos Limões, jan 1956. Acervo Euterpe V. Facchini coleção desterro antesdonte.

Figura 4: vista da Costeira do Pirajubaé. Fonte: Acervo Felipe Matos, disponibilizada pelo autor.

Figura 5: vista da Costeira do Pirajubaé. Acervo Felipe Matos, disponibilizada pelo autor.

O Aterro da Via Expressa Sul

Com a expansão urbana e o crescimento do turismo na ilha de Florianópolis, a região da Costeira do Pirajubaé sofreu com longos congestionamentos na única avenida do bairro, a Avenida Jorge Lacerda. O bairro localizado entre a região central e o sul da ilha teve sua área expandida com um aterro hidráulico para comportar uma via rápida de acesso conectando o centro com o aeroporto e as praias do sul da ilha.

Apesar da estratégia rodoviária adotada facilitar o trânsito e gerar uma rápida conexão, o Aterro Hidráulico da Via Expressa Sul gerou fortes impactos na pesca artesanal e nas atividades extrativistas da região.

O aterro corresponde a uma área de 1.198.241m² e foi construída por meio de uma dragagem realizada nos limites da RESEX (Reserva Extrativista) da Costeira do Pirajubaé. A dragagem realizada ocasionou o “buraco da draga”, com a retirada de sete milhões de metros cúbicos de areia da porção norte do baixio principal, onde ocorria a maior extração de berbigão da região. Além disso, o banco de areia com maior produtividade da Reserva Extrativista deslizou para dentro do “buraco”. (Karam, 2009 apud Spínola, Teixeira, Andriquetto Filho, 2014)

A UNIVALI, que foi encarregada de realizar um programa de monitoramento da área impactada pela construção do aterro, reafirmaram os impactos da dragagem em um dos seus primeiros relatórios:

[...] indicaram que no fim de 1997 os níveis de biomassa do berbigão atingiram patamares muito baixos, possivelmente por dois fatores: (a) a redução do tamanho do estoque em função da diminuição da área do baixio, aumentando o esforço de pesca sobre a espécie e; (b) o fato do recurso não se distribuir de forma homogênea pelo baixio das Tipitingas (estando as maiores biomassas no bordo externo que foi afetado pela dragagem), o que tornou a taxa real do estoque afetado pela obra da Via Expressa Sul, muito maior do que aquela originalmente considerada. (Souza, 2007, p. 8)

Com a grande queda de berbigão e camarão (rosa e branco) e outros pescados, os pescadores e extrativistas da Costeira e da RESEX tiveram que buscar outras atividades econômicas para suprirem a renda. Atualmente, apenas 25 famílias sobrevivem exclusivamente pelo extrativismo do berbigão na RESEX.

A base de conhecimento da população a respeito da pesca e do berbigão foi fortemente afetada pela evasão dos antigos pescadores e extrativistas da região, que largaram de vez a profissão. O conhecimento que era transmitido oralmente de geração a geração tornou-se vulnerável assim parte dele foi perdida.

Além disso, o aterro gerou a remoção de 130 ranchos de pescadores que foram reconstruídos após o aterro. Os novos ranchos foram construídos com troncos de madeira e telhados de telhas cerâmicas que se desmancham com o vento sul, além disso os ranchos são tão pequenos que os pescadores precisam deixar o barco pra fora para realizar reparos e manutenção.

Em 1996, um morador da Costeira do Pirajubaé, Almir Costa gravou o processo de aterramento da Via Expressa Sul e a construção do túnel no bairro Saco dos Limões, ao lado é possível acessar o vídeo em três partes com narração do próprio morador.



Figura 6: vista aérea do Saco dos Limões e ao fundo Costeira do Pirajubaé, sem data. Fonte: Acervo Felipe Matos, disponibilizada pelo autor.

Figura 8 - Vista do Aterro da Via Expressa Sul. Foto: J.I. Cibils

Figura 9 - Aterro da Via Expressa Sul em construção na Costeira do Pirajubaé. Foto: Coleção Desterro Antesdonte.

Costeira do Pirajubaé

A paisagem pós aterro

Atualmente, a Costeira do Pirajubaé tem tido uma relação distante com o mar, usando o espaço do aterro para atividades de lazer e esportes com o mínimo de infraestrutura que foi oferecida nas novas construções de ciclovias, calçadas e equipamentos de lazer e esporte.

Em relação a pesca artesanal, as poucas famílias que continuam no ramo fazem da atividade uma renda complementar e outras famílias de pescadores usufruem como uma atividade de lazer. Já o extrativismo do berbigão é usufruído por poucas famílias cadastradas na RESEX, além de terem horários e dias da semana para realizar a extração e uma quantidade fixa para cada coleta, não podendo ultrapassar para não atrapalhar o processo reprodutivo do molusco.

As memórias e tradições da cultura da pesca e do extrativismo tem se perdido e tendo pouca iniciativa da comunidade para dar continuidade e repassar o conhecimento

para as próximas gerações. Com algumas iniciativas pontuais como o projeto de mapeamento de referência cultural que deu origem ao livro “Berbigão: Memória, Tradição e Cultura” de Felipe Matos, que procurou mapear o extrativismo de berbigão na ilha de Florianópolis, as tradições ao redor do molusco e a comunidade de extrativistas.

Algumas pequenas iniciativas também foram realizadas pela comunidade para a valorização da cultura local, como passeios de barcos pela baía sul que mostram o mangue, as zonas de pesca e as zonas de extração do berbigão. O projeto tinha participação coletiva de moradores e consistia em passeios mensais que além de mostrarem a história tinham como ponto final um restaurante de frutos do mar e culinária local. Infelizmente, o projeto foi descontinuado por problemas pessoais dos organizadores e não tem data para um retorno.

Os ranchos de pescadores tem um grande trapiche onde a comunidade costeira e pessoas de fora do bairro visitam para

contemplar o pôr do sol. Ao anoitecer, o rancho se torna um lugar perigoso, com pouca iluminação e pouco tráfego de pessoas. Nos arredores, a iluminação existente já está sucateada com poucos postes de luz funcionando.

A realização da manutenção dos ranchos e trapiches são realizadas pelos próprios donos dos ranchos, de forma improvisada fazem pias externas para a lavagem dos pescados, consertam as tábuas quebradas do trapiche, colocam objetos em cima dos telhados para as telhas não voarem com o forte vento sul, elaboram extensões de telhado na frente dos ranchos para poderem fazer a manutenção dos barcos em dias chuvosos.

Assim, a relação de pesca/extrativismo que a população da Costeira tinha tão próxima antigamente vai se perdendo com a decadência das reservas de pescados, o conhecimento das tradições e práticas da atividade já não são repassados e a cultura do berbigão vai se perdendo sem apoio estatal.



Figura 11 - Vista do trapiche para os ranchos e Costeira do Pirajubaé . Acervo da autora. 2023.

A valorização da cultura por meio do suporte a pesca artesanal/ extrativismo e do turismo

Com o conceito de paisagem cultural, que deu início a construção e análise da história da Costeira do Pirajubaé, abre-se a oportunidade de (re)construir e valorizar a paisagem cultural por meio do suporte aos métodos artesanais de pesca e extrativismo e promoção do turismo na região como forma de continuidade da cultura local para as próximas gerações.

Assim, busca-se trazer o conceito de turismo de base comunitária reconhecido pelo Ministério do Turismo em 2008 e que define:

“O turismo de base comunitária é compreendido como um modelo de desenvolvimento turístico, orientado pelos princípios da economia solidária, associativismo, valorização da cultura local, e, principalmente, protagonizado pelas comunidades locais (MTur, 2008)”

Com isso, o turismo de base comunitária reforça o associativismo pela autogestão das atividades pelos próprios moradores do bairro, incentivando a autonomia da comunidade na formulação de planos estratégicos para o desenvolvimento do turismo de modo participativo, considerando a sustentabilidade sociocultural e ambiental.

Desta forma, busca-se com esse trabalho integrar novamente a comunidade com o mar por meio da integração do turismo com a cultural local e as práticas artesanais em busca de novos meios de renda e da passagem da cultural local para as novas gerações.

Através de novas pesquisas e da base de conhecimento ofertado pela RESEX sobre a extração do berbigão e novas técnicas de armazenamento e manuseio do pescado, busca-se também trazer estruturas capazes de contribuir para a maior produtividade e melhorar a realização do trabalho da pesca e do extrativismo.



Figura 12 - Foto de rancho de pescador na Costeira do Pirajubaé. Acervo da autora. 2023.

O recorte

A escolha do recorte foi estruturada após uma análise histórica da dimensão do aterro da via expressa sul, descobriu-se então um canal aberto que deveria ter sido aterrado após a construção da via expressa sul, mas após alguns anos a fauna e a flora começaram a tomar conta do canal e hoje é uma área protegida.

A área é constituída pelo manguezal nativo próximo a pista de skate da Costeira do Pirajubaé, pegando a região do canal aberto em que se encontra a linha natural do mar, até a escola E.e.b. Júlio Da Costa Neves, abraçando os trapiches e ranchos da orla abaixo do canal.

No total, o recorte abarca 3 blocos de ranchos com, respectivamente, 15, 31 e 30 unidades, totalizando 76 ranchos de pescadores. Além disso abarca a via expressa sul, os vazios deixados pelo aterro, o canal da linha natural do mar e a comunidade da orla deste canal.

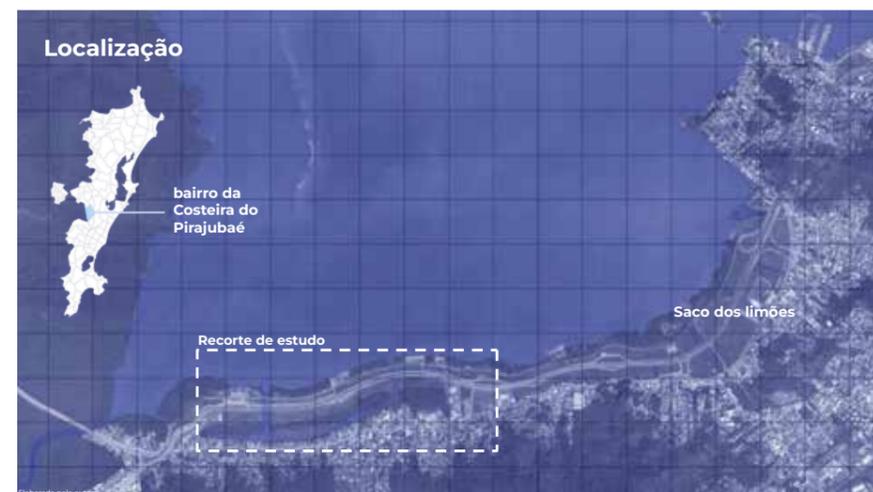


Figura 17: Localização do recorte, elaborado pela autora, 2023.

Desenvolvimento do Aterro da Via Expressa Sul.



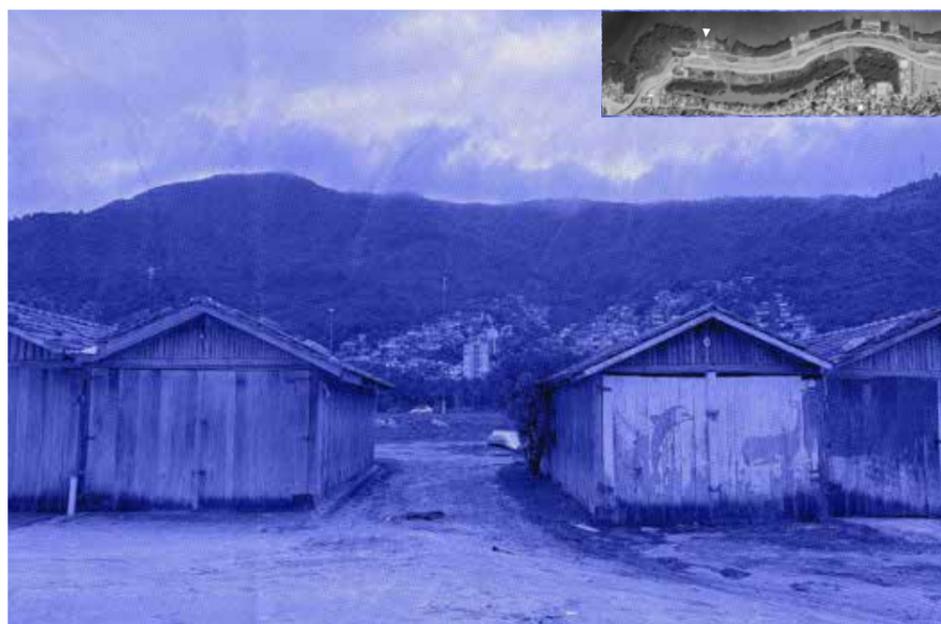
Costeira do Pirajubaé - 1985, Google Earth.
Figura 14

Costeira do Pirajubaé - 2002, Google Earth.
Figura 15

Costeira do Pirajubaé - 2023, Google Earth.
Figura 16



Figura 17: Perspectiva do recorte, 2023. Imagem Via Satélite, Google Earth.



Ranchos de pescadores, 2023
Acervo da autora



Vista da entrada do canal para o morro, 2023
Acervo da autora



Travessia bairro-aterro, 2023
Acervo da autora



As oito camadas

- 8 - mar
- 7 - ranchos
- 6 - aterro
- 5 - rodovia
- 4 - aterro
- 3 - mangue
- 2 - linha natural do mar
- 1 - comunidade

1. Comunidade

Com a água do canal invadindo seus terrenos e casas em dias de maré alta, a comunidade da borda do canal sofre com as enchentes recorrentes devido a falta de profundidade do canal e as flutuações da maré no decorrer dos dias. As casas são na maioria de alvenaria com telhas que variam de cerâmicas a de fibrocimento. Alguns pescadores atravessaram da comunidade pela via expressa sul pelas entradas e saídas do canal até o mar.

2. Linha natural do mar antes do Aterro

Antes do aterro da Via Expressa Sul, o mar banhava os pés do bairro nessa linha que hoje é encontrada no canal. Havia uma barreira de pedras com guarda-corpos brancos de cal.

3. Canal

O canal é cercado de mangue que se alastrou com o decorrer do tempo. O canal enche devido as marés e com fortes chuvas inundando casas até a Avenida Jorge Lacerda. Muitas casas tem os fundos de seus lotes virados para o canal que se vê largado, recebendo entulhos e dejetos das habitações próximas e sofrendo com o descaso. Alguns pescadores atravessaram da comunidade pela via expressa sul pelas entradas e saídas do canal até o mar.

4. Mangue

O mangue vermelho e branco ainda é encontrado no canal e tem se desenvolvido durante os anos, apesar de ter pouco manejo pelos moradores. Apresenta alguma fauna como moluscos e camarão, mas já se desenvolveu pesquisas e descobriu-se os altos níveis de mercúrio na área, assim é proibida pescar neste canal.

5. Aterro

Após a camada de mangue que esconde a água do canal, encontra-se a porção vazia e inundável do aterro. Conforme o tempo, a areia despejada no aterro vai cedendo e criando espaços inundáveis com as chuvas e a subida da maré. Nessas áreas há disponível apenas uma calçada larga de 3 metros com uma ciclovia de 2 metros sendo dividida em duas direções de ida e volta. Além disso, a travessia da comunidade pelo canal até chegar no aterro é feito por pontes de madeiras precárias.



Figura 18: Vista ponte de madeira que atravessa o canal.

Figura 19: Vista da pista de caminhada e ciclovia.

Figura 20: Vista da praça da pista de skate da Costeira.

Figura 21: Vista da entrada de uma das passarelas de pedestres da Rod. Governador Aderbal Ramos da Silva.

Fonte: Acervo da autora, 2023.

6. Rod. Governador Aderbal Ramos da Silva

Na Rodovia Governador Aderbal Ramos da Silva encontram-se 6 pistas em duas direções. A travessia do pedestre para a região dos ranchos dos pescadores é feita através de 2 passarelas que passam em cima da rodovia, além disso conta com duas faixas de pedestres com sinaleiro, uma próxima a pista de skate da costeira e a outra próxima à bifurcação que dá acesso a Rua Deputado Antônio Edu Vieira início do bairro Pantanal. Uma via de trânsito rápido com velocidade máxima de até 80 km/h.

7. Ranchos dos Pescadores

Após ultrapassar o canal pela ponte de madeira e atravessar pela faixa de pedestre ou passarela elevada, o pedestre finalmente chega aos ranchos dos pescadores depois de ultrapassar uma faixa de gramado de 500 metros. Cada bloco de rancho tem entre 15 a 30 ranchos e conta com uma faixa de areia de 10 metros e um trapiche de 200 metros, feito de madeira e com qualidade precária, trazendo perigos para os próprios pescadores e para os transeuntes que visitam a região.

Os ranchos em si tem uma dimensão de 10 metros de comprimento e 4 de largura, foram entregues com ligação apenas para energia elétrica, sendo alguns ranchos com o sistema hidráulico elaborado pelos próprios donos. A estrutura é feita de troncos roliços de eucalipto tratado, telhado em telhas de cerâmica e contrapiso de concreto.

O trapiche feito com estrutura de concreto e madeira está muito precário e a manutenção é feita pelos próprios pescadores quando podem. Em marés baixas não é possível levar o barco até o rancho pois criou-se com o tempo uma porção no comprimento do trapiche de lama, os pescadores ficam com lama até a altura dos joelhos, dificultando a travessia com o barco.



Figura 22: Vista dos ranchos dos pescadores para o morro da Costeira.

Figura 23: Vista de rancho dos pescadores para o mar.

Figura 24: Vista de rancho de pescador.

Figura 25: Vista de horta dos pescadores.

Figura 26: Vista de relógio de eletricidade em frente aos ranchos.

Figura 27: Vista do trapiche com redes de pesca.

Figura 28: Vista do trapiche faltando tábuas de madeira.

Fonte: Acervo da autora, 2023.

8. Mar

Após os ranchos, há o mar e um trapiche para cada bloco de ranchos, feito de madeira e com 200 metros de comprimento e 3 metros de largura. Muito precário, com ripas de madeiras soltas e faltando, se tornando um perigo para os pescadores e os visitantes da região.

Além disso, esses trapiches são muito frequentados por moradores da costeira e pessoas de fora para contemplação do pôr do sol.

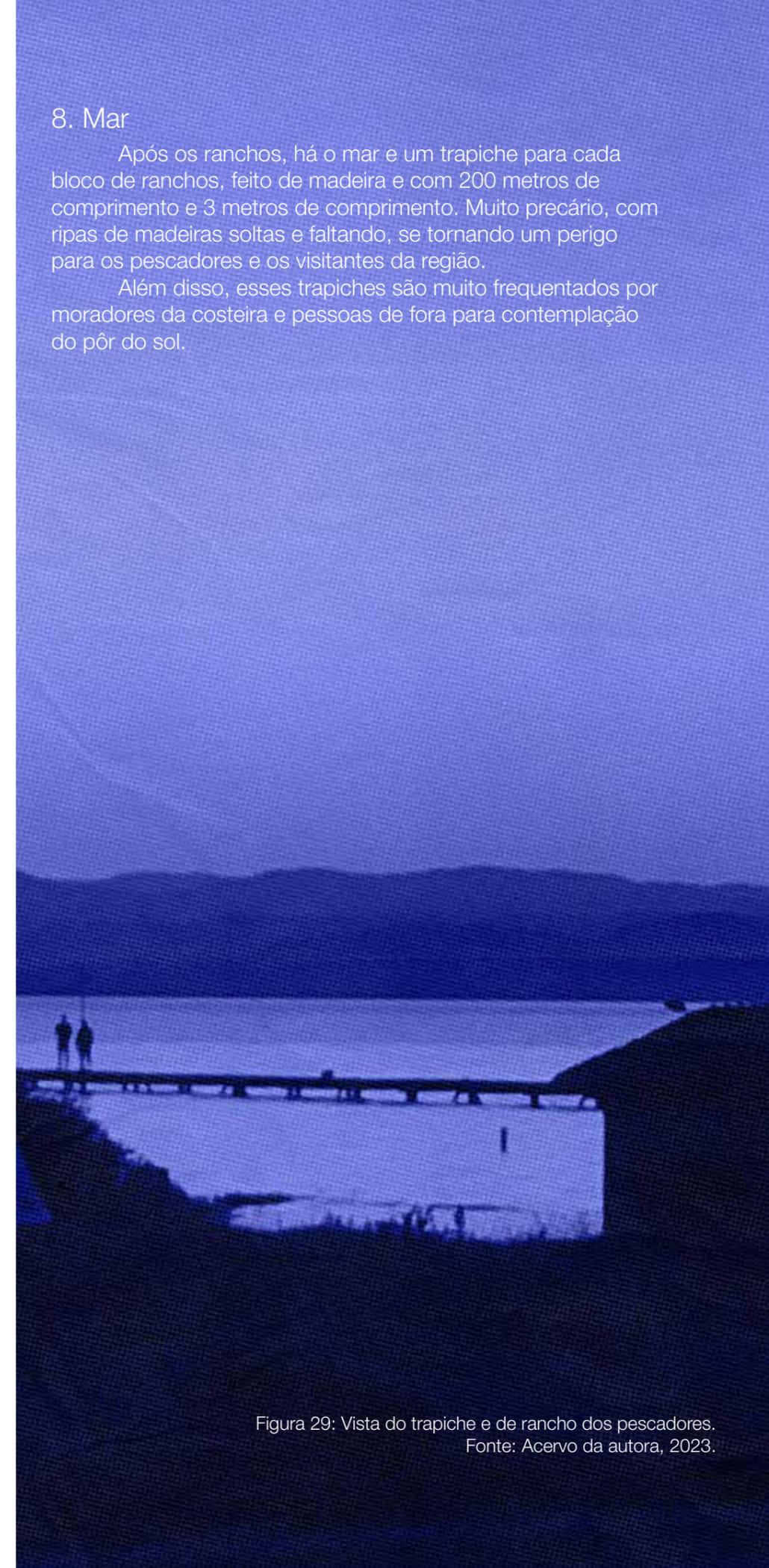
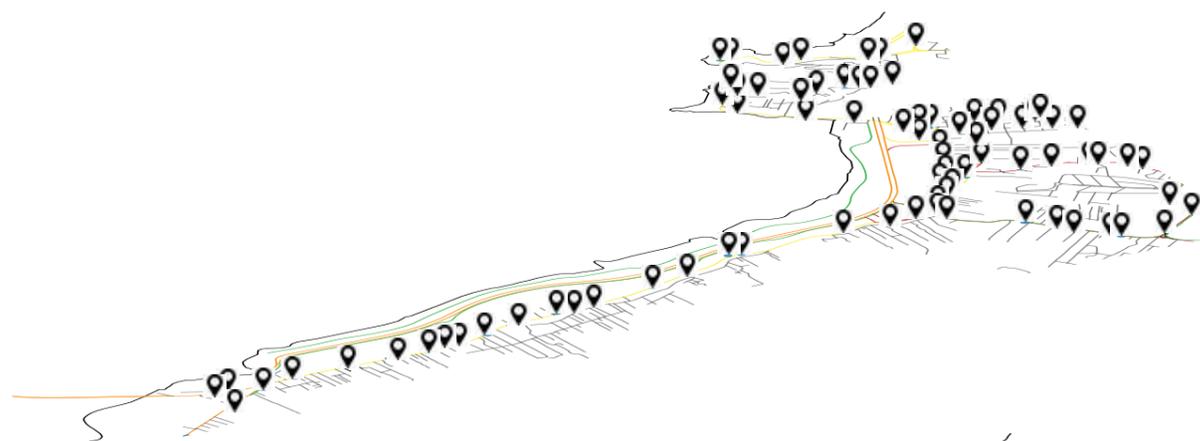


Figura 29: Vista do trapiche e de rancho dos pescadores.

Fonte: Acervo da autora, 2023.

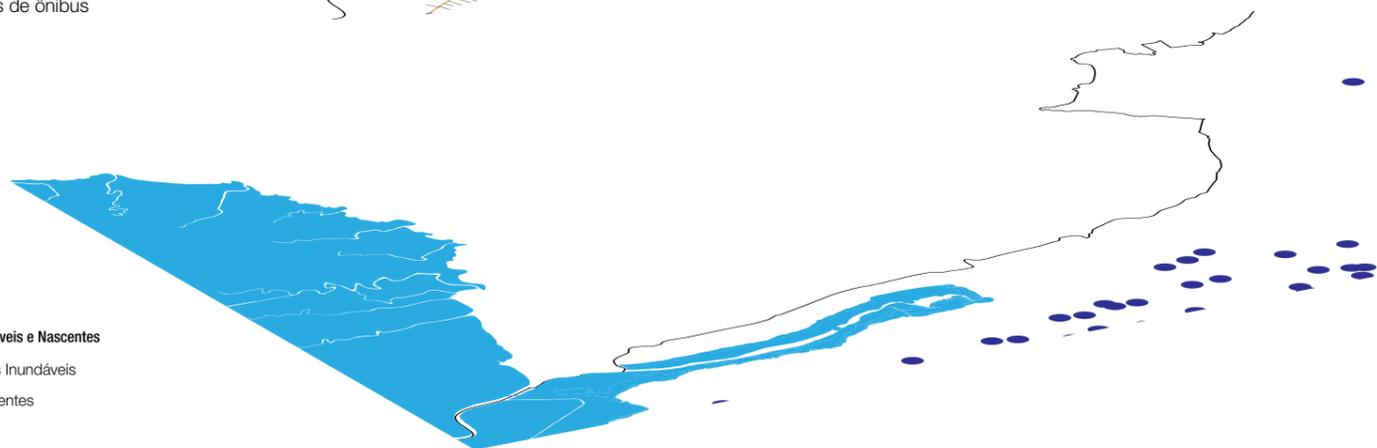
Sistema Viário

- Via arterial
- Via coletora
- Vias residenciais e servidões
- Via principal
- Ciclovia
- Pontos de ônibus



Áreas Inundáveis e Nascentes

- Áreas Inundáveis
- Nascentes



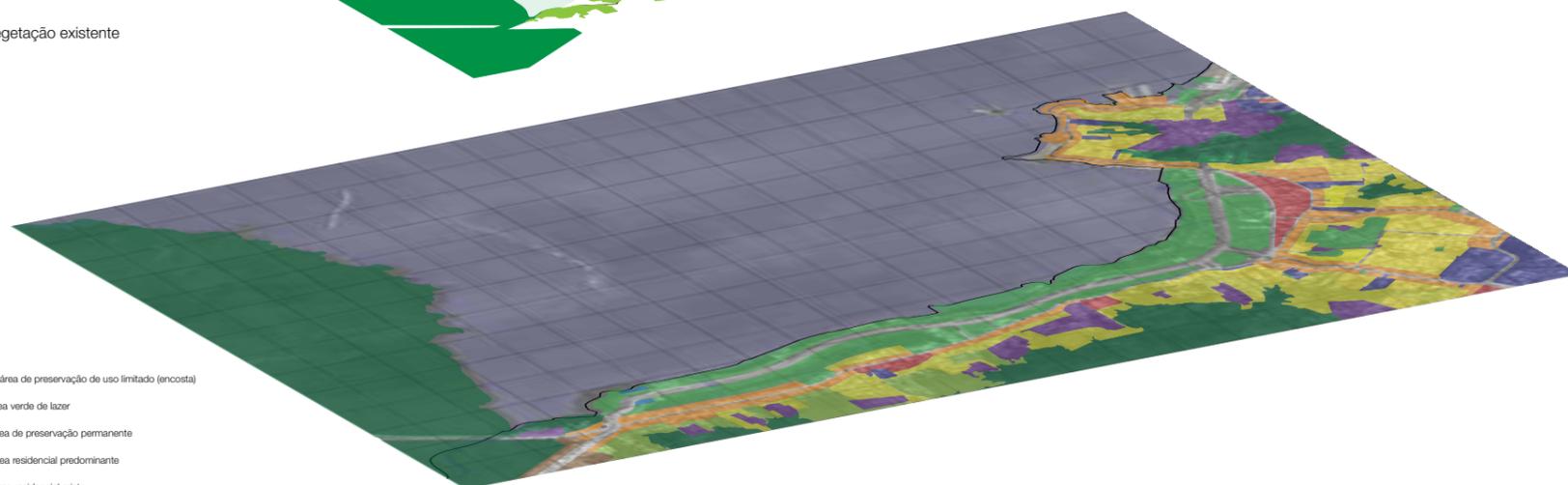
Vegetação e Unidades de Conservação

- Unidades de conservação
- Vegetação existente



Zoneamento

- APL-E - área de preservação de uso limitado (encosta)
- AVL - área verde de lazer
- APP - área de preservação permanente
- ARP - área residencial predominante
- ARM - área residencial mista
- ACI - área comunitária institucional
- AMC - área mista central
- ZEIS - zona especial de interesse social
- AMS - área mista serviços



Mobilidade

A grande rodovia que divide o bairro da costeira entre morro e mar é uma via expressa, contando com calçadas largas nas duas laterais e duas ciclovias. Não há pontos de ônibus na via expressa, apenas na Avenida Jorge Lacerda que fica mais perto do morro da costeira.

Áreas inundáveis e nascentes

A área do recorte conta com um canal aberto e que desemboca no mar, conforme a maré sobe ou desce o canal tende a transbordar para as áreas laterais e invadir as casas próximas do canal.

Além disso, o morro da Costeira do Pirajubaé tem várias nascentes, ocasionando em possíveis deslizamentos pela construção de moradias precárias ou em épocas de muitas chuvas.

Áreas de preservação e vegetação

A Costeira do Pirajubaé consta com a Reserva Extrativista da Marinha e conta com a gestão da ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). Além disso, conta com a Área de Preservação Permanente na região central do morro. A vegetação é composta por mangue branco e vermelho e terrenos com gramíneas.

Zoneamento

No que tange ao zoneamento, a área do recorte fica inserida em uma Área Verde de Lazer, privilegiando, quando possível, a criação ou preservação da cobertura vegetal. Após a aprovação do novo plano diretor de Florianópolis, 2022, a área foi zoneada como uma OUC, Operação Urbana Consorciada, dando margem a iniciativa privada de lotear as áreas vazias para construção de edifícios minando, desta forma, a possibilidade de pontos de lazer para os moradores da Costeira do Pirajubaé.

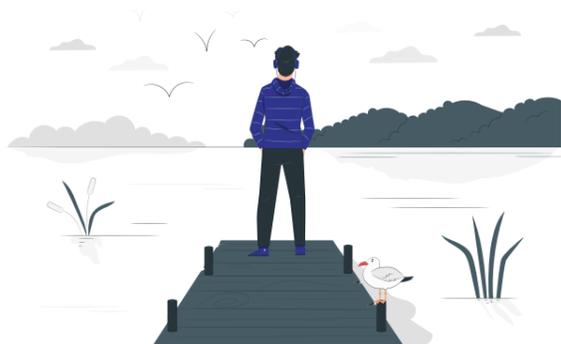
Pesca e Extrativismo

Atividade nativa da região. Práticas artesanais de pesca e extrativismo.



Contemplação

Pessoas do bairro e fora vem visitar o trapiche e apreciar o belo por do sol



Skate

A Costeira conta com uma pista de skate feita para receber campeonatos, além disso tem uma escola de skate organizadas pelos moradores e oferece aulas de skate gratuitas nos sábados.



Futebol

O campo de futebol da Costeira tem times oficiais e tem campeonatos organizados pelos moradores do bairro, são realizados nos finais de semana e aberto ao público.

Pista de caminhada e Ciclovía

As duas pistas de caminhadas e ciclovía da Costeira são ocupadas regularmente por pessoas do bairro e de fora para esportes como corrida, caminhada e ciclismo.



Pomar dos Ciclistas

Projeto de agrofloresta feita por ciclistas da região, já foram plantadas mais de 300 mudas de árvores frutíferas.



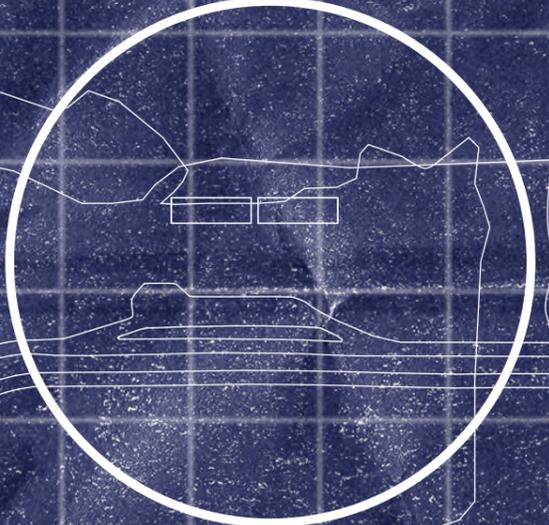
Dinâmicas Socioculturais

Através da pesquisa, mapeamento e análise das tradições de saberes e dinâmicas socioculturais da Costeira do Pirajubaé, torna-se possível projetar de forma sensível e intervir de maneira adequada a valorizar e dar um maior suporte a essas atividades. Desta forma, trabalha-se a temporalidade em pensar em um futuro que essas dinâmicas se integrem: ações comunitárias, trocas, lazer e cultura já existentes e abundantes no local.

Diagrama do programa

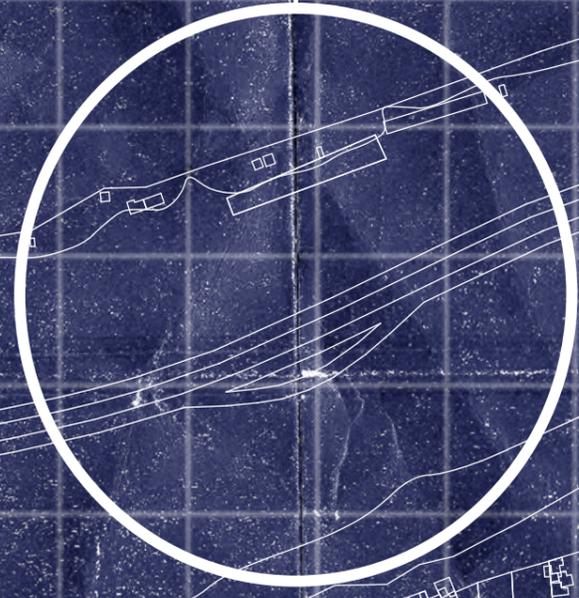
**EDUCAÇÃO
AMBIENTAL**

CUIDADO COM O MEIO AMBIENTAL
E VALORIZAÇÃO DA FAUNA E FLORA
EXISTENTE



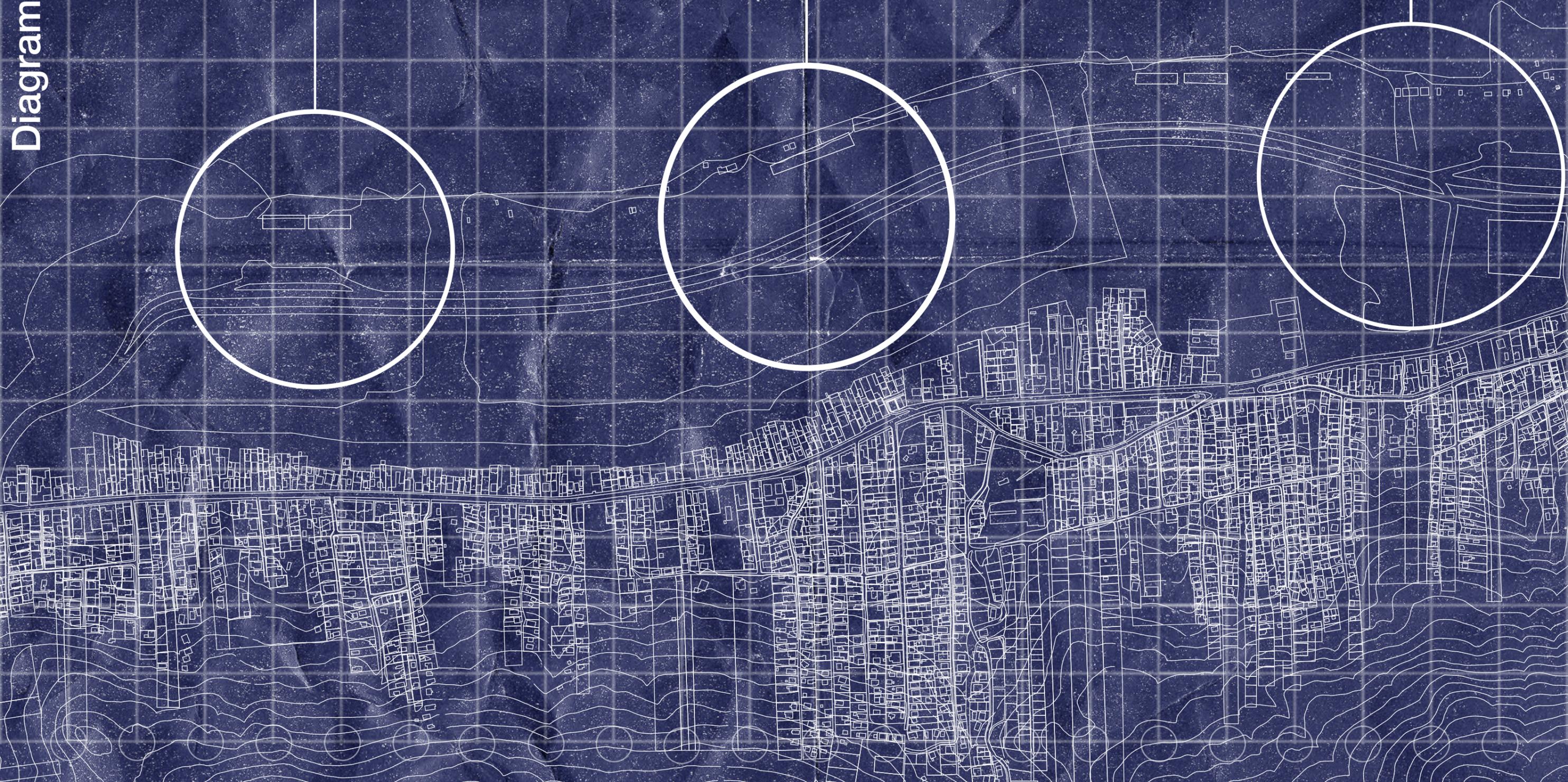
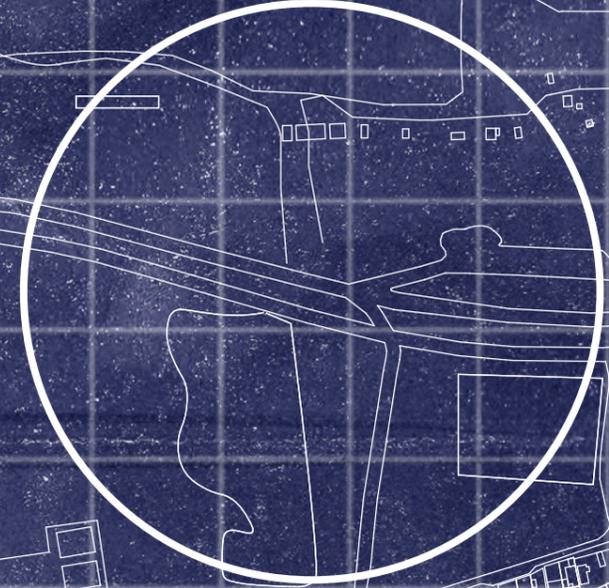
**PESCA E
CULTURA**

FORTELECIMENTO
DO TRABALHO COM NOVAS
TECNOLOGIAS E PRÁTICAS
DE PRODUTIVIDADE
VALORIZAÇÃO DA CULTURA



LAZER

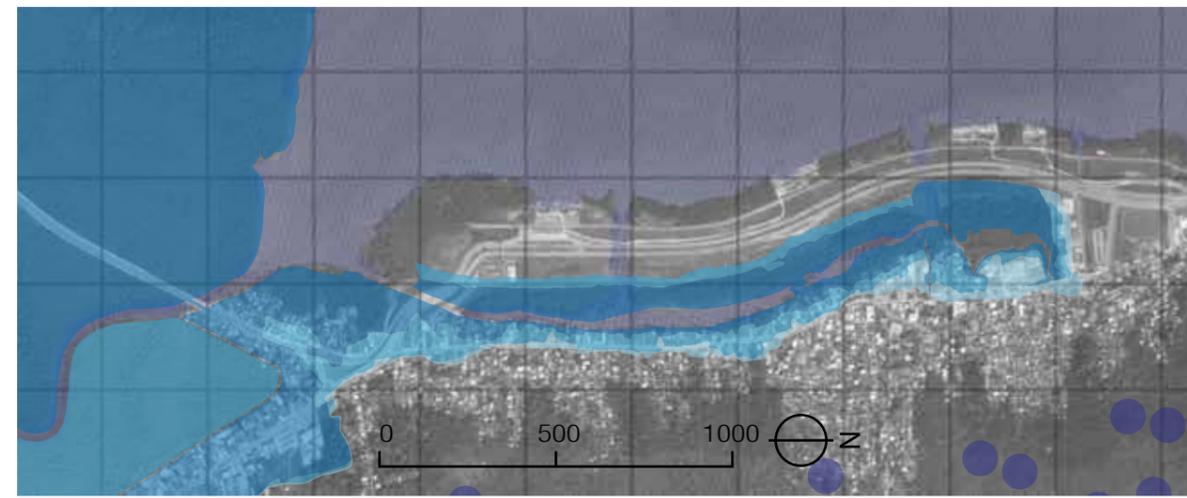
OCUPAÇÃO DA ÁREA
PELA POPULAÇÃO





LEGENDA

	APL-E - área de preservação de uso limitado (encosta)
	AVL - área verde de lazer
	APP - área de preservação permanente
	ARP - área residencial predominante
	ARM - área residencial mista
	ACI - área comunitária institucional
	AMC - área mista central
	ZEIS - zona especial de interesse social
	AMS - área mista serviços



mapa de zonas inundáveis

- Áreas Inundáveis e Nascentes
- Áreas Inundáveis
 - Nascentes

Nova zona de Zeis para construção de um novo conjunto habitacional para realocamento das famílias na zona laranja (zona inundável)

a região em laranja é uma zona inundável, cujo famílias (192 lotes de habitação e comércio) sofrem com as cheias do canal e em dias chuvosos, com isso, proponho um conjunto de ações para realocar essas famílias em uma zona compatível com uma moradia.

- dividido em fases, as seguintes ações:
1. desapropriação de comércios existentes para criação de praças de conexão com a orla do outro lado da rodovia, reintroduzindo a orla/mar para a comunidade e construção dos novos equipamentos da orla
 2. construção de um conjunto habitacional na nova zona de zeis
 3. realocamento e desapropriação da região em laranja para o novo conjunto de habitações
 4. construção de uma conjunto de habitações e comércios com parques e praças

proposta de zoneamento



implantação

1:2500

- 1. quadras
- 2. ranchos
- 3. centro comunitário
- 4. estaleiro
- 5. banheiros
- 6. museu
- 7. restaurante
- 8. mercado de pescados
- 9. nova sede ICMBIO
- 10. cooperativa de pescados
- 11. passarela elevada
- 12. ponto de ônibus
- 13. centro de pesquisa
- 14. praças
- 15. apoio ciclista
- 16. trapiches
- 17. extensão escola
- 18. zona de esportes
- 19. escola existente
- 20. jardim de mangue
- 21. trilhas

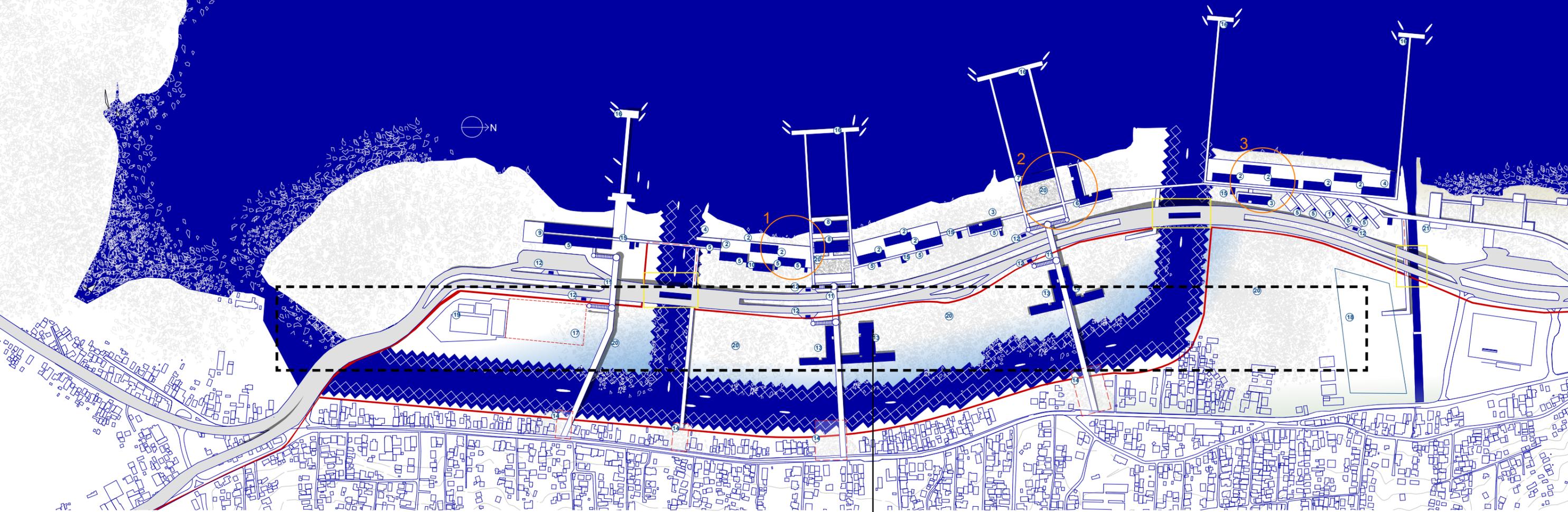
— ciclovia

□ elevação rodovia

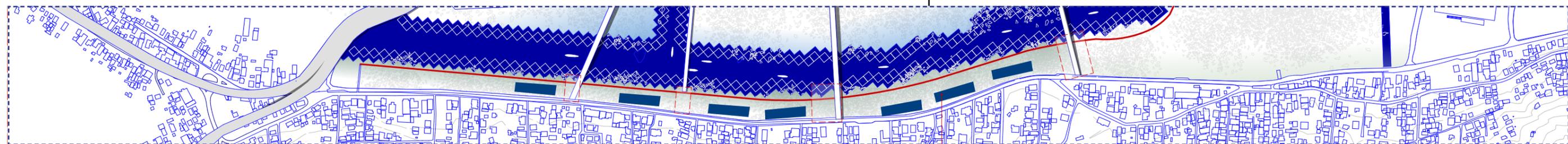
◇ aumento do leito do canal

▨ espaço para o mangue se desenvolver

○ perspectivas



fase 01 e 02
1:2500



fase 03 e 04
recorte
1:2500

o canal



corte esquemático do sistema de drenagem das margens do canal

Propõe-se a despoluição do canal por meio de medidas como a recuperação da vegetação de borda. Visando melhorar a qualidade da água, propõe-se o plantio de espécies de vegetação filtrantes, capazes de remover substâncias e nutrientes tóxicos do rio, desta forma o canal poderá ter chances de aumentar ainda mais sua vegetação de mangue e poder recuperar a fauna de berbigões e outros moluscos que existiam na região.

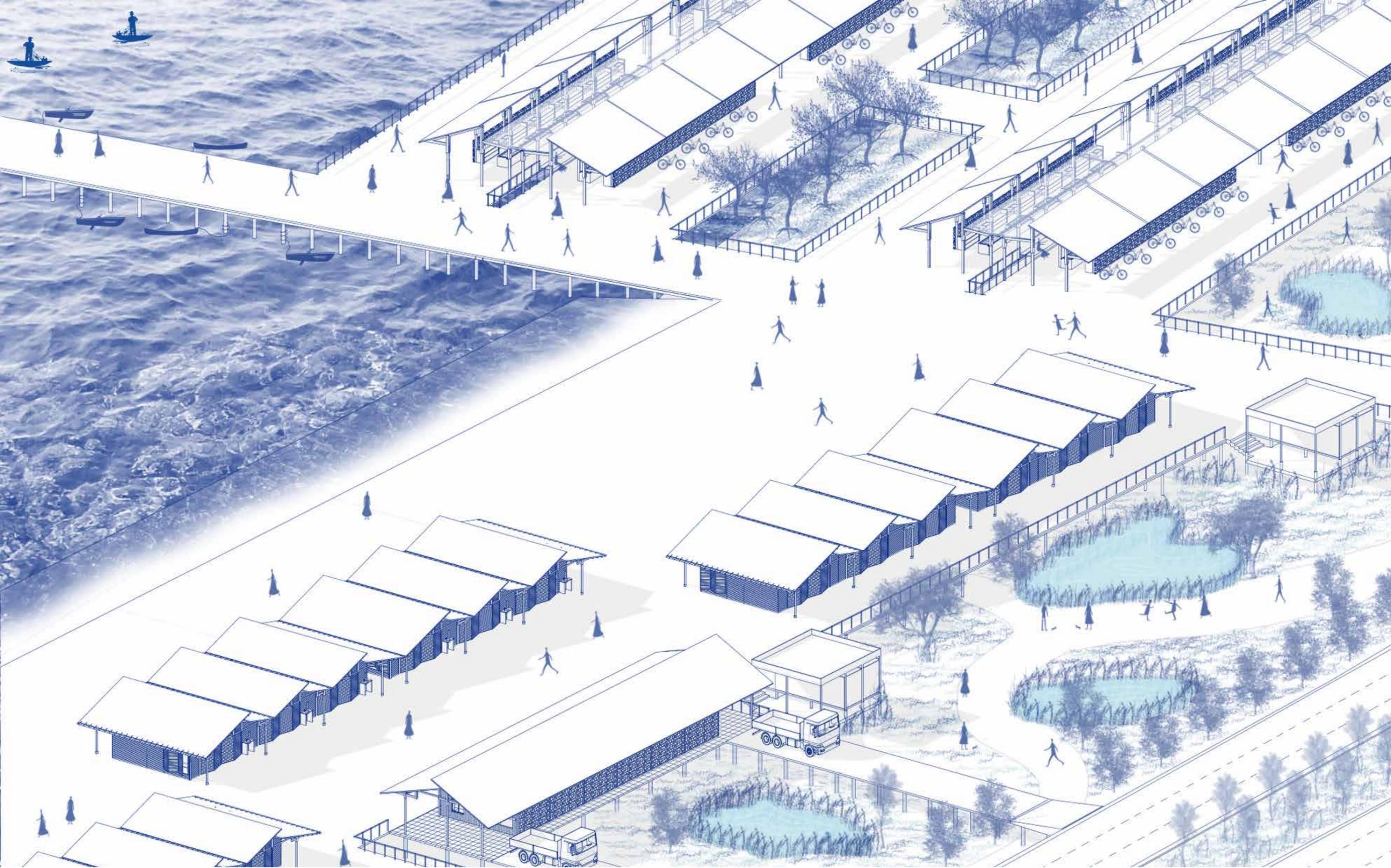
Além disso, propõe-se a expansão do leito do canal para ter uma maior área alagável, afim de dar margem para o mangue crescer e para não alagar as ruas da comunidade próxima.



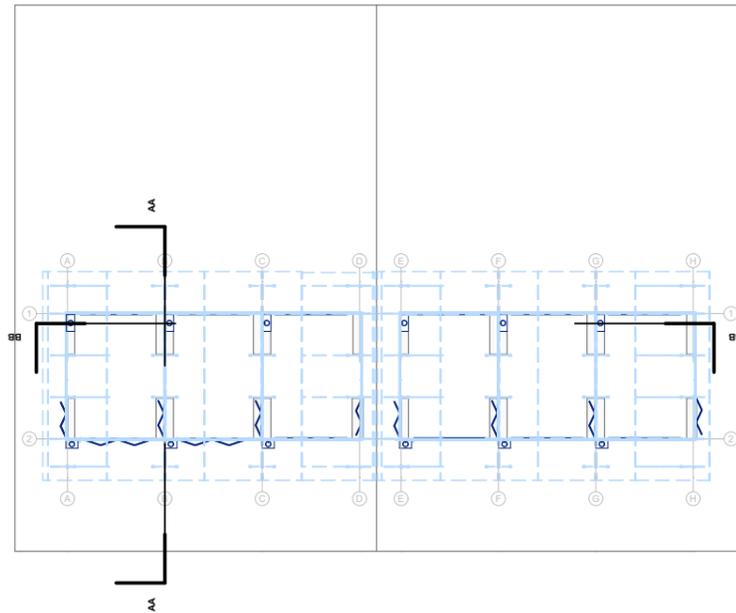
corte esquemático aumento do leito do canal



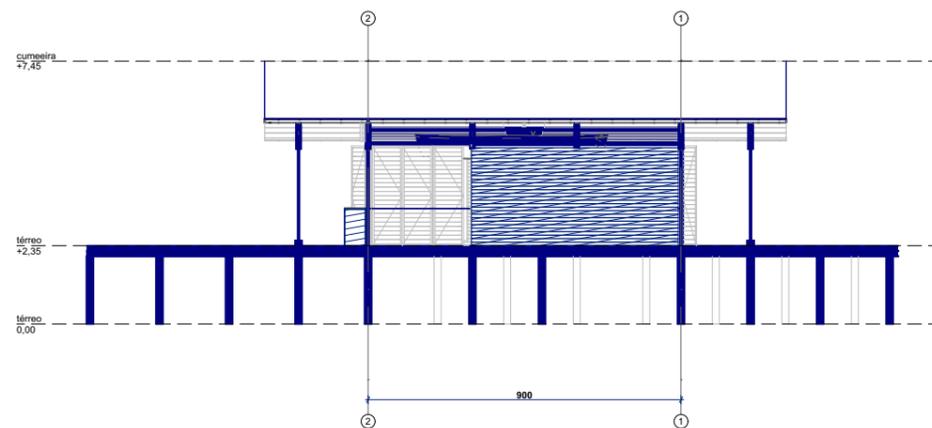
corte ilustrativo para visualização da elevação da rodovia para tráfego de barcos, inclui uma passarela para pedestres e ciclistas.



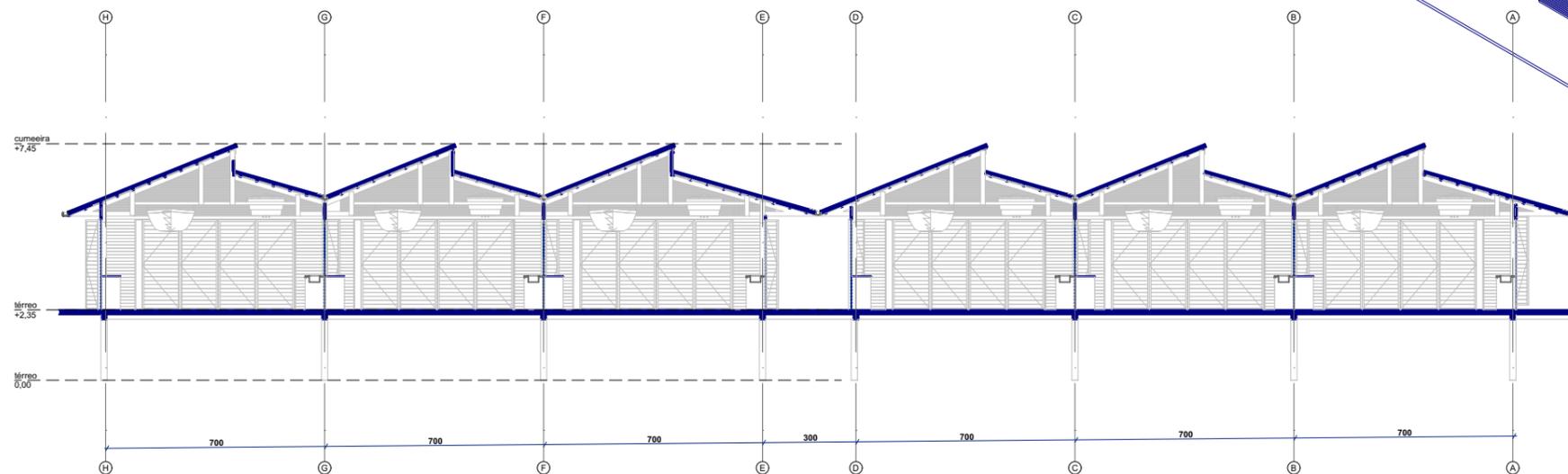
Perspectiva 01
ranchos, mercado de pescados e cooperativa



Planta Baixa - Rancho
1:500



Corte AA
1:200



Corte BB
1:200

telhas isotérmicas

estrutura em vigas e pilares
de madeira laminada colada (MLC)

lajes em madeira
laminada colada

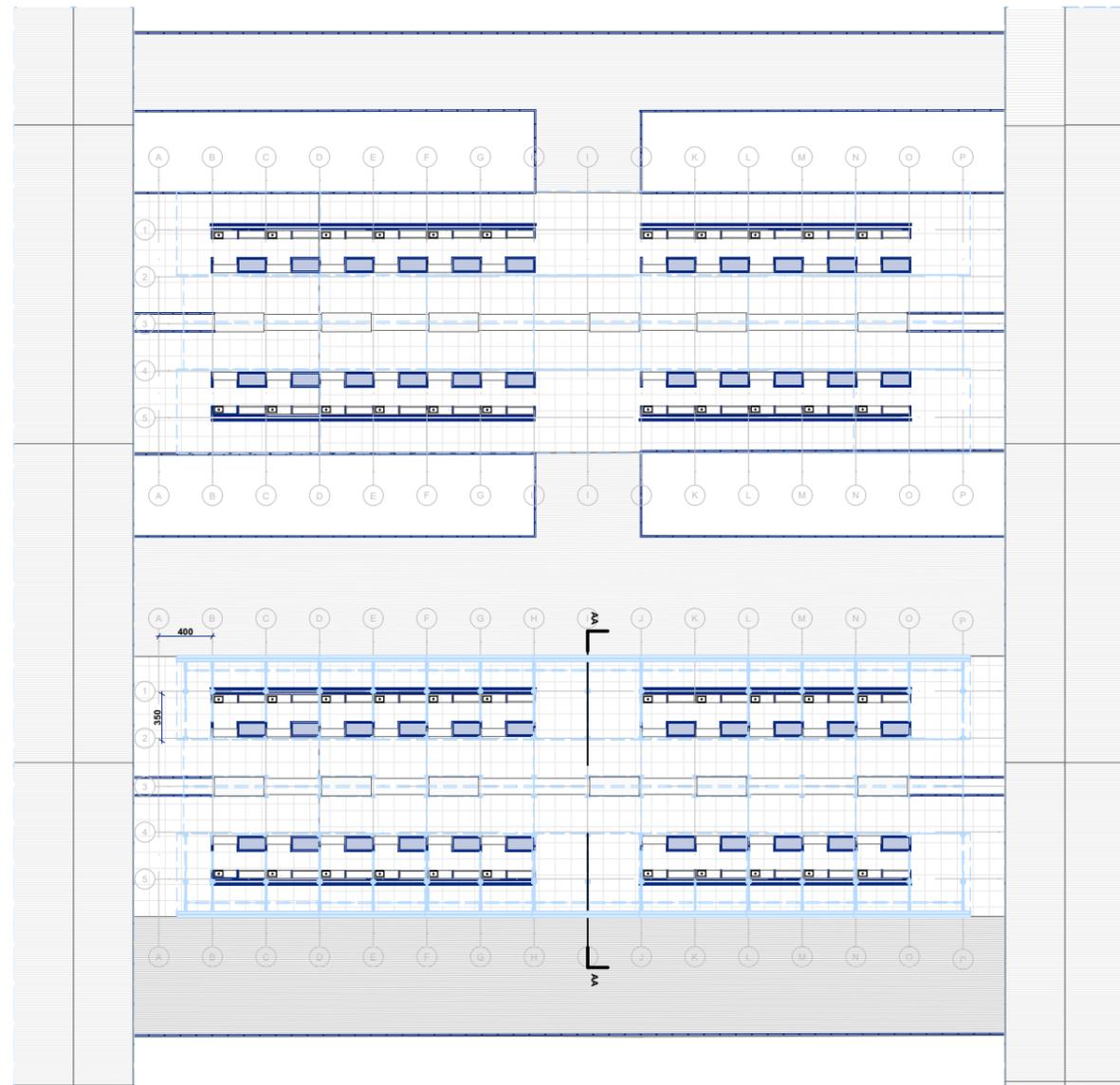
paredes de ripas de MLC

caixas d'água e
barcos elevados

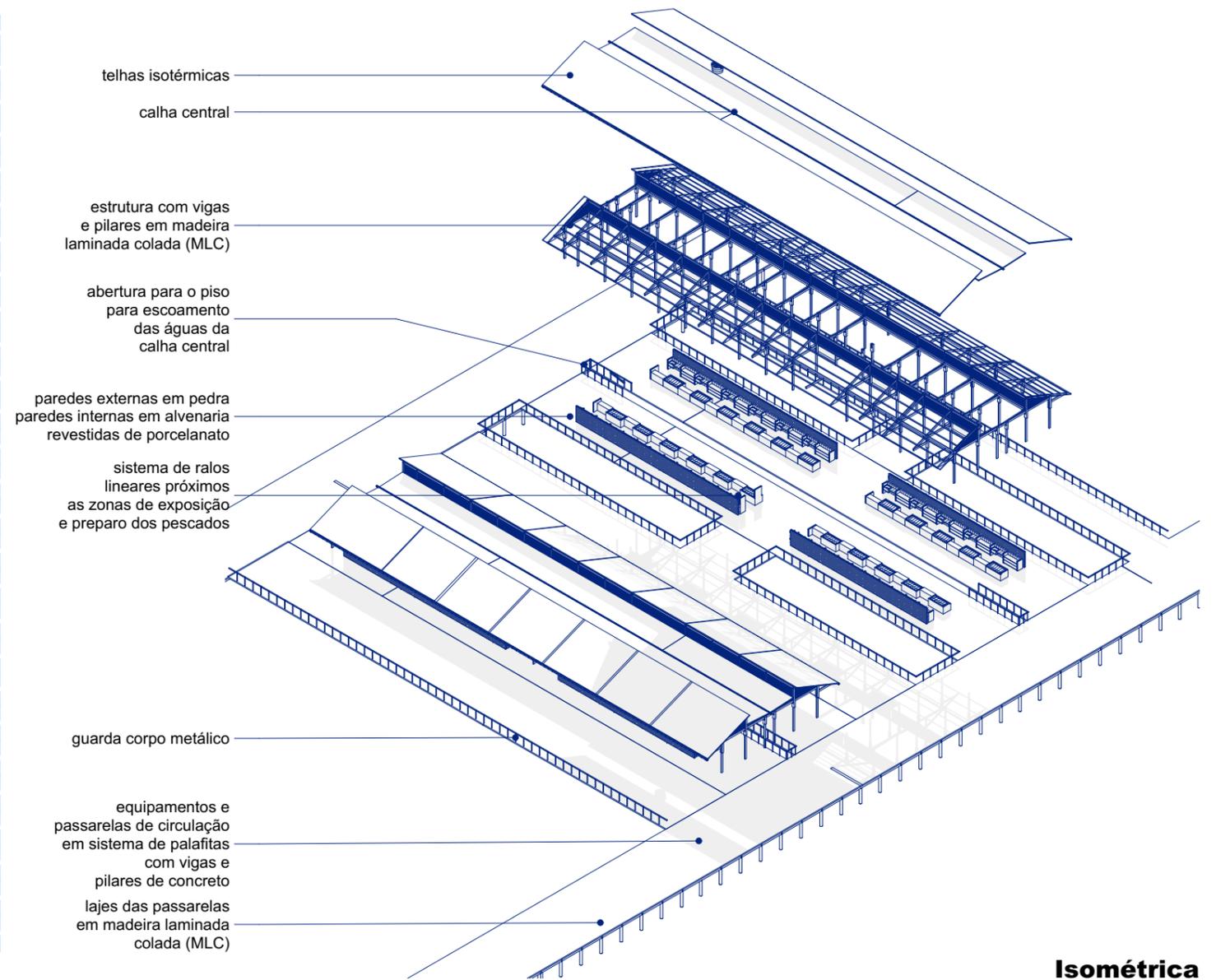
equipamento elevado
por sistema de palafita
de pilares e vigas de concreto

Isométrica
1:350

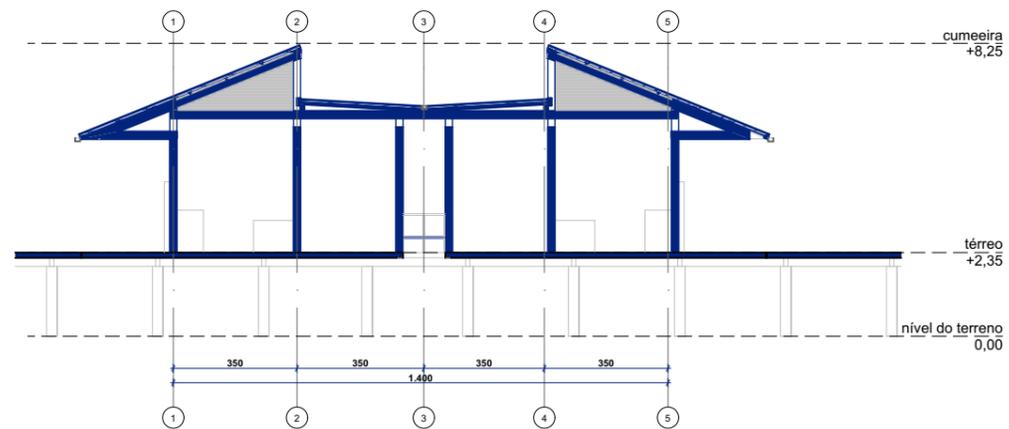
ranchos de pescadores
módulo de 6 unidades



Mercado de Pescados
1:500

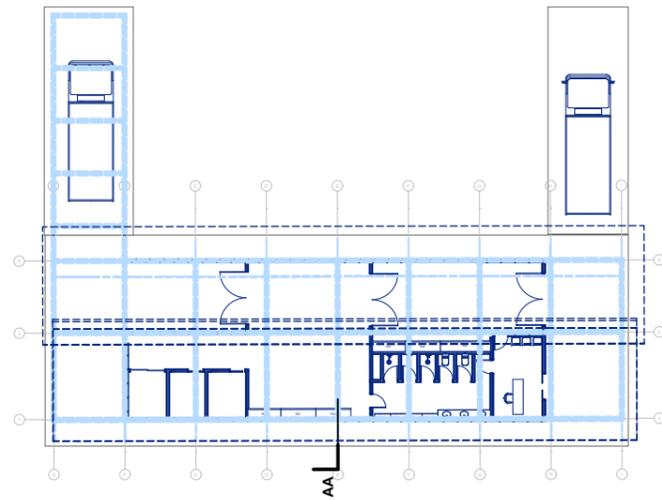


Isométrica
1:750

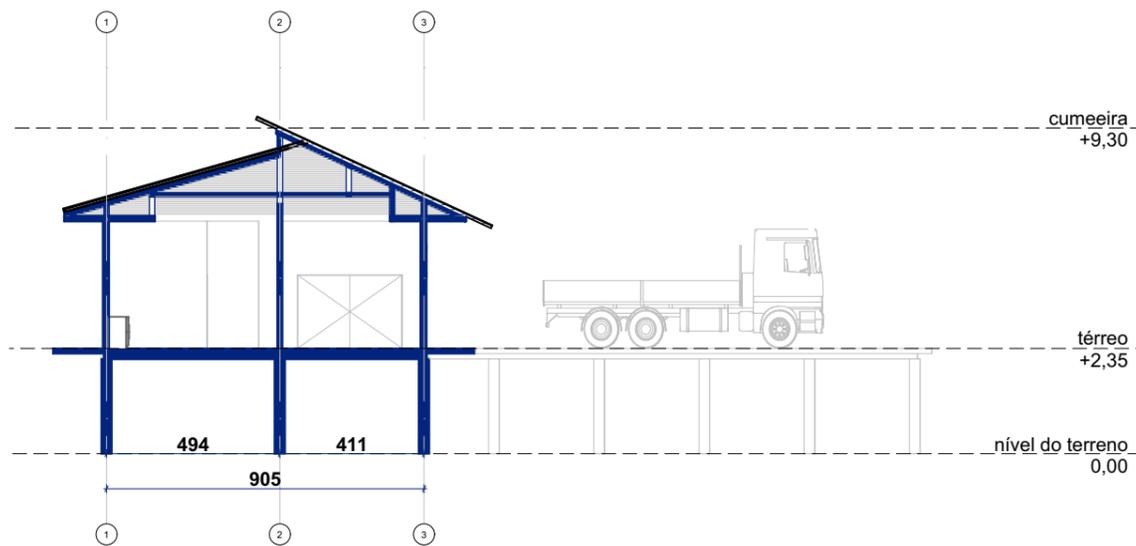


Corte AA - Estrutura
1:200

mercado de pescados



Planta Baixa
1:200



Corte AA
1:200

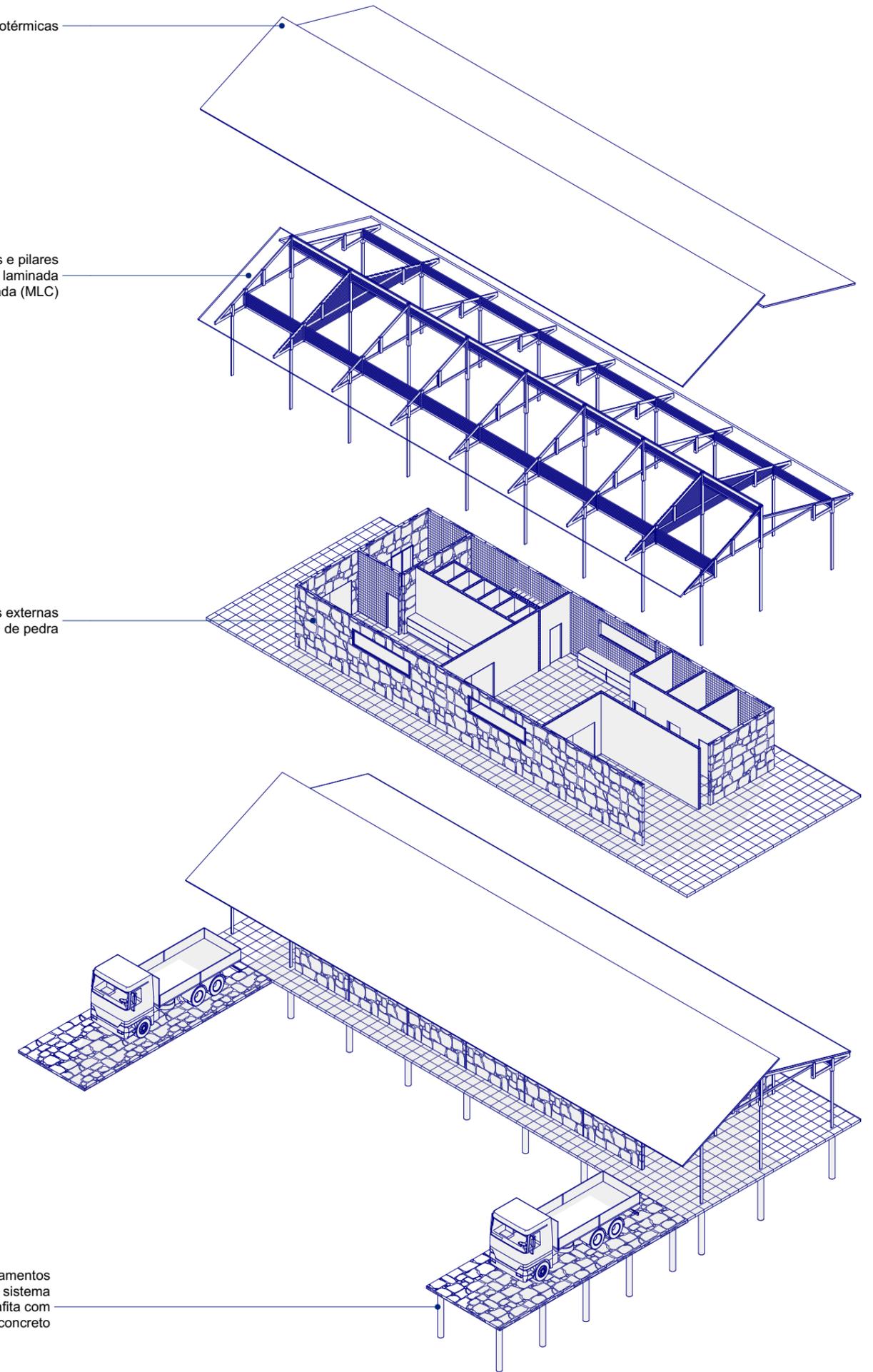
cooperativa de pescados

telhas isotérmicas

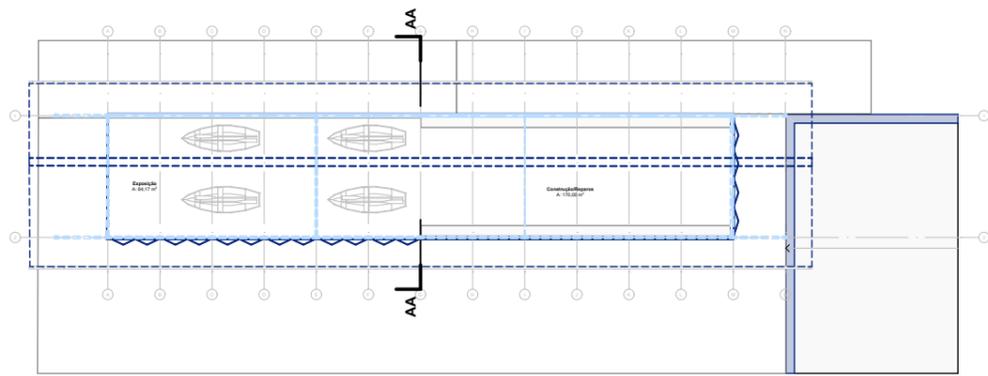
estrutura de vigas e pilares em madeira laminada colada (MLC)

paredes externas de pedra

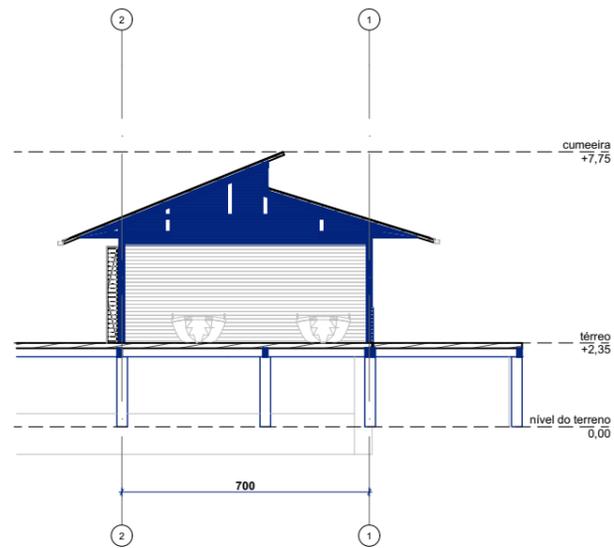
equipamentos elevado com sistema de palafita com vigas e pilares em concreto



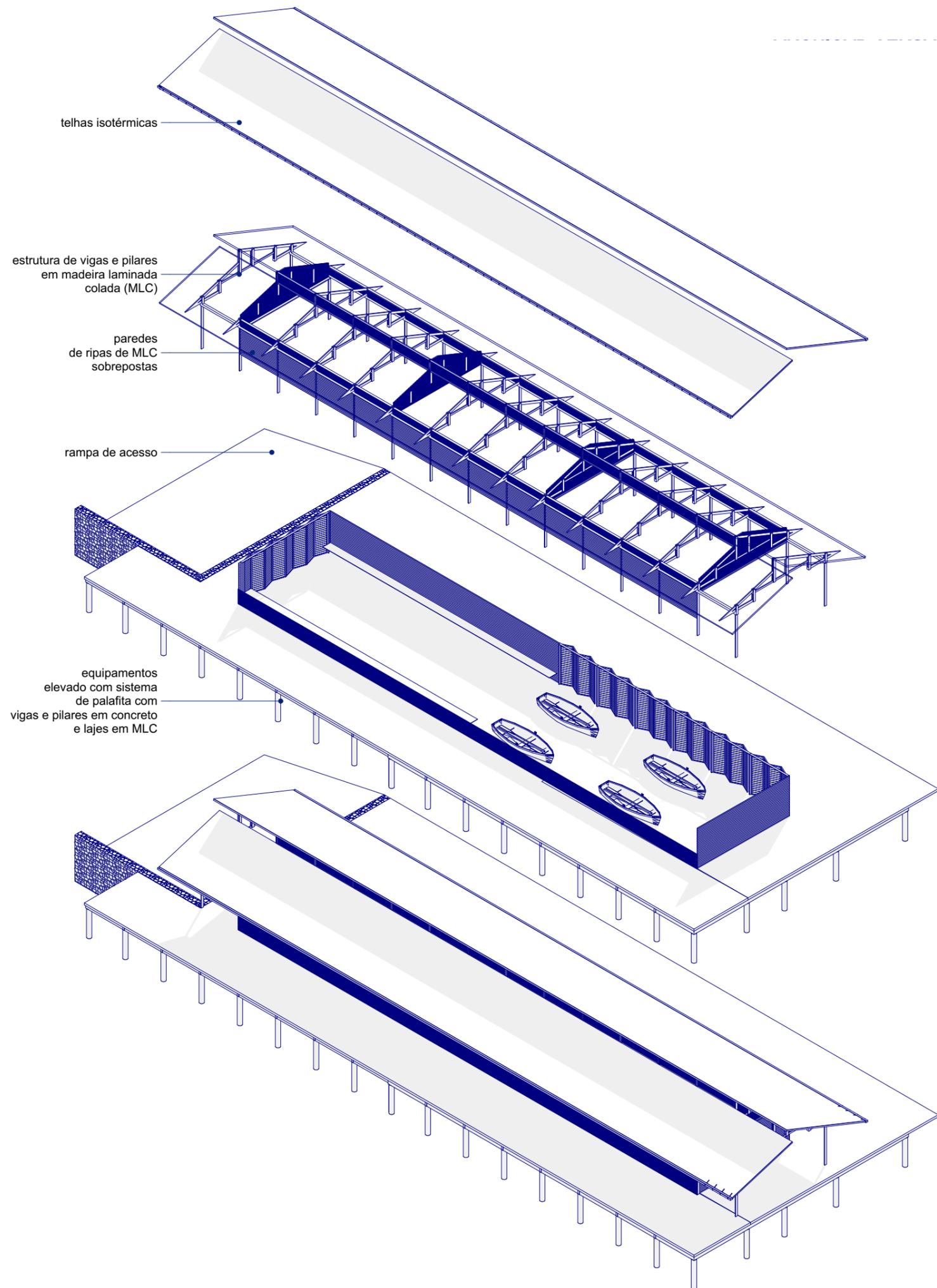
Isométrica
1:300



Planta Baixa
1:200

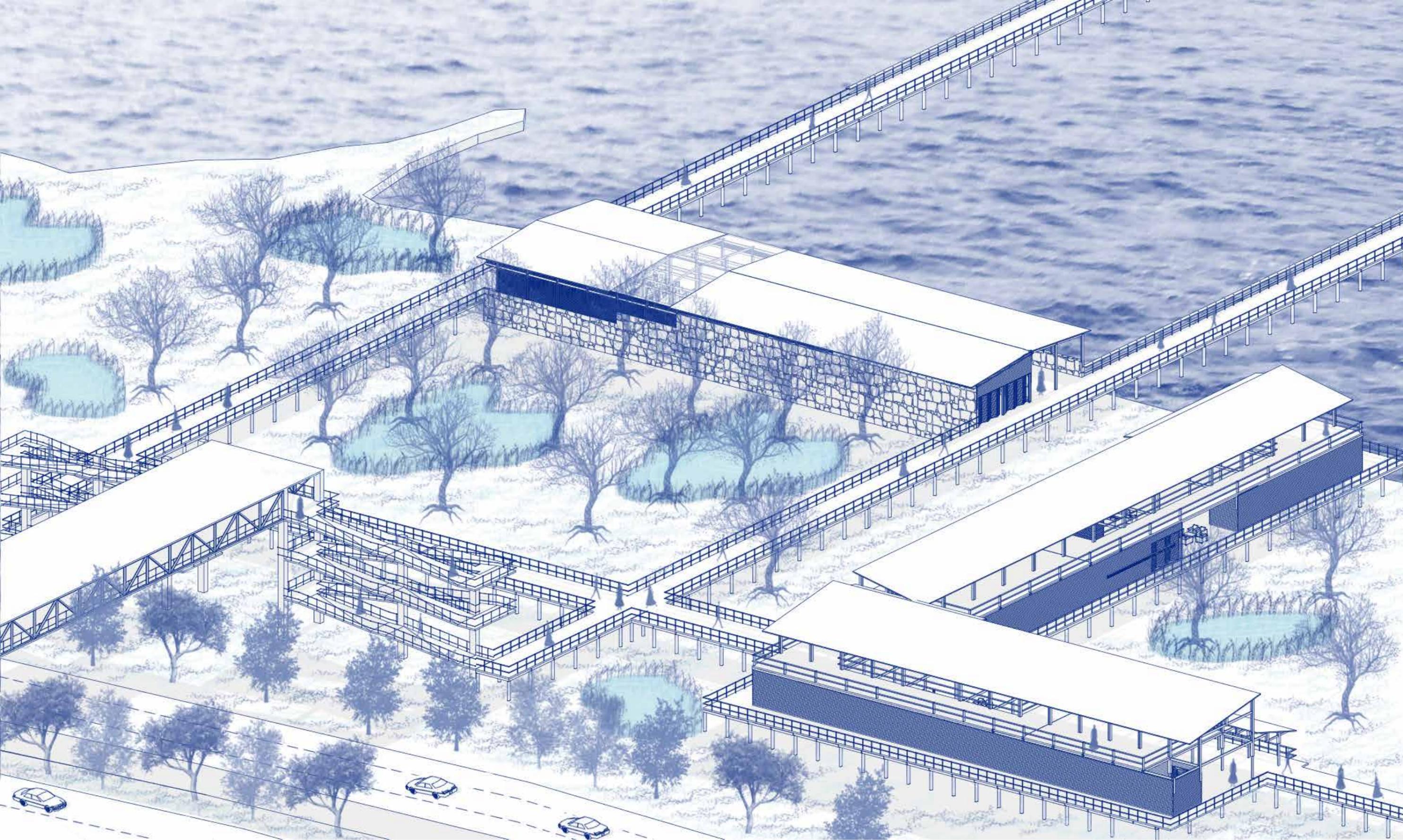


Corte AA
1:200



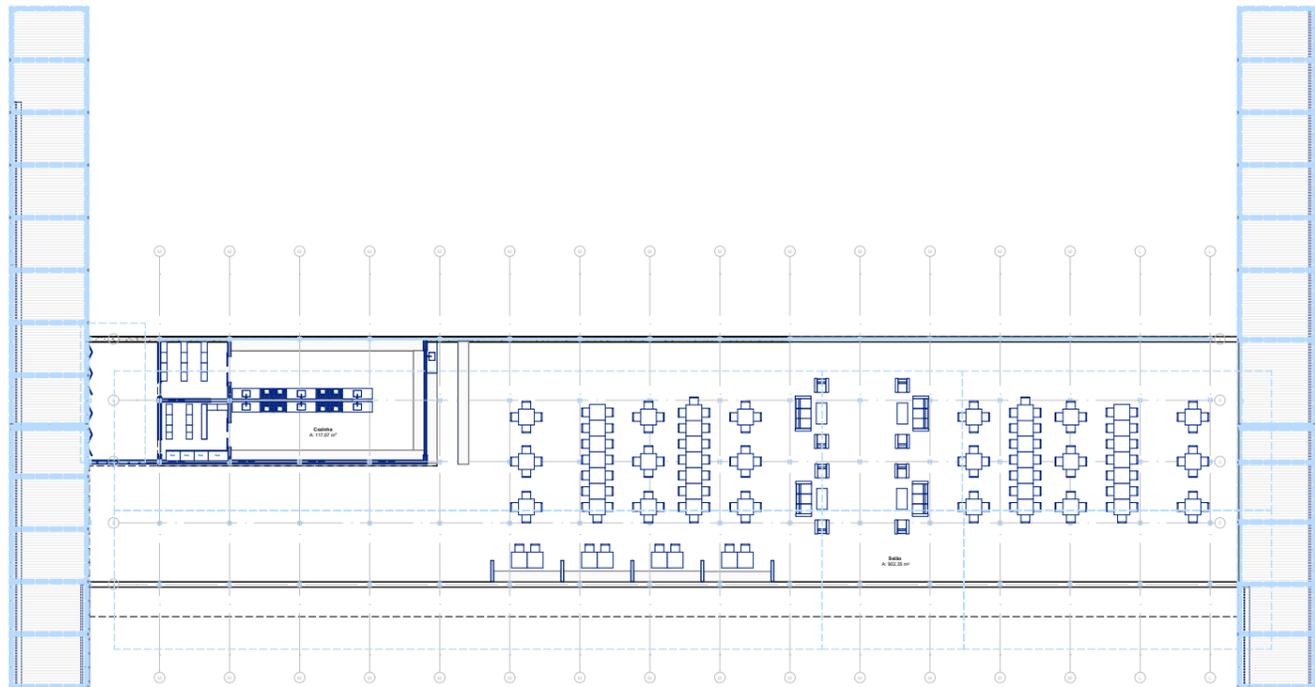
estaleiro

Isométrica
1:300

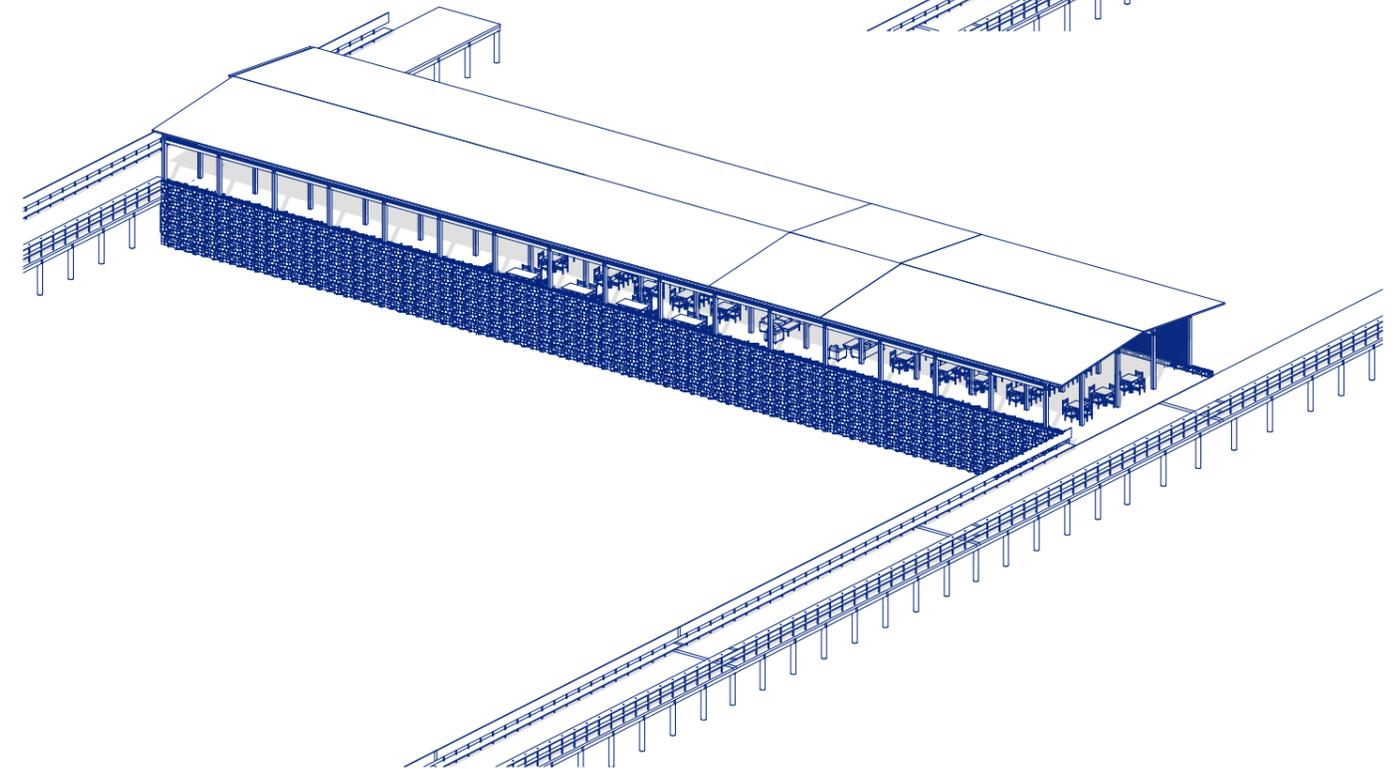
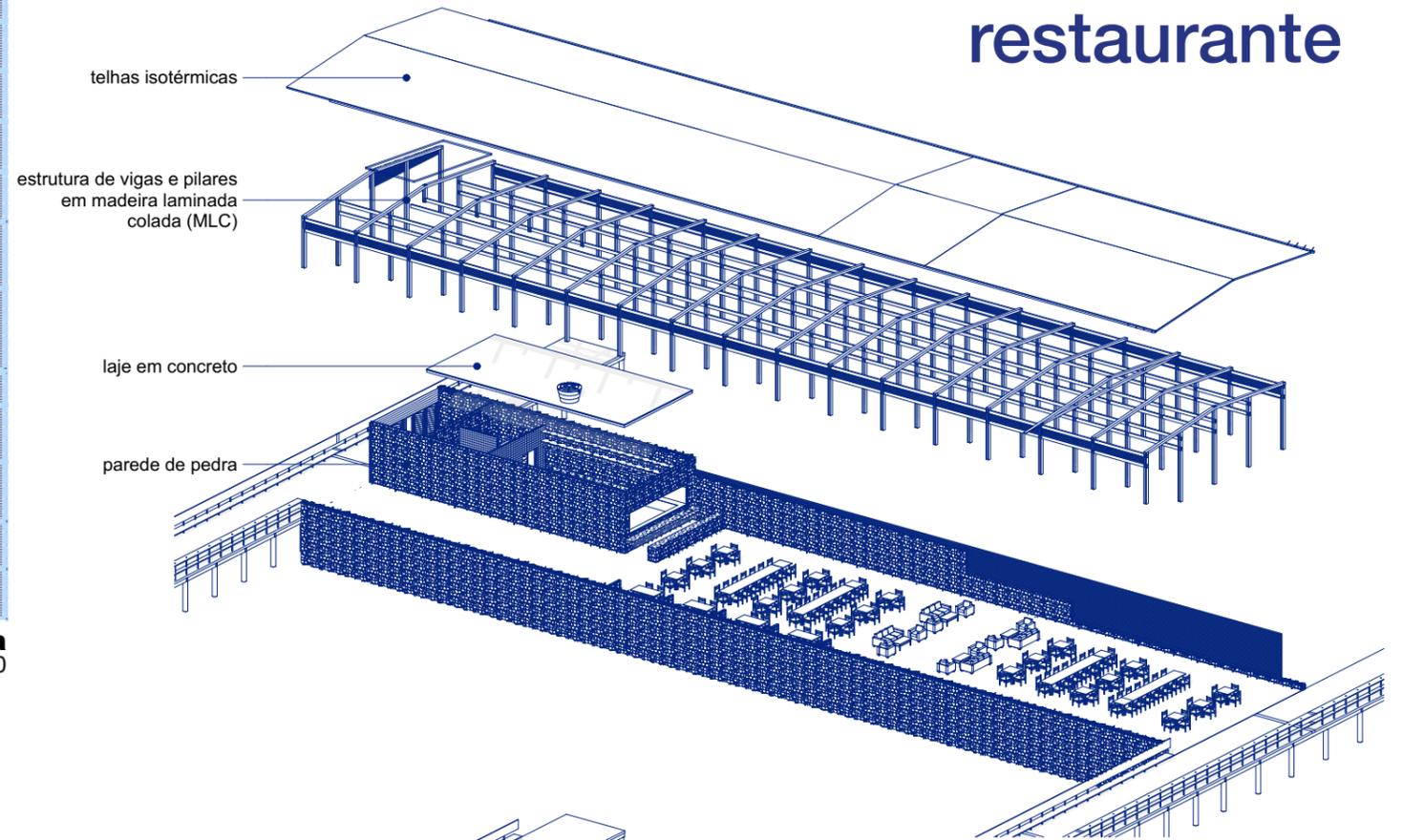


Perspectiva 02
restaurante, museu e passarela de pedestres

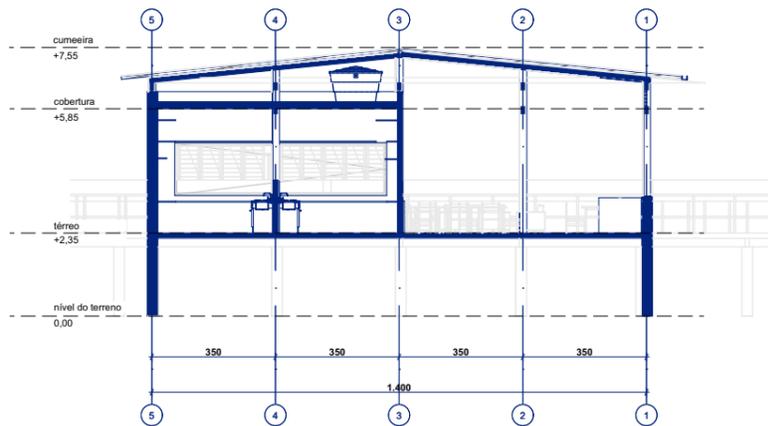
restaurante



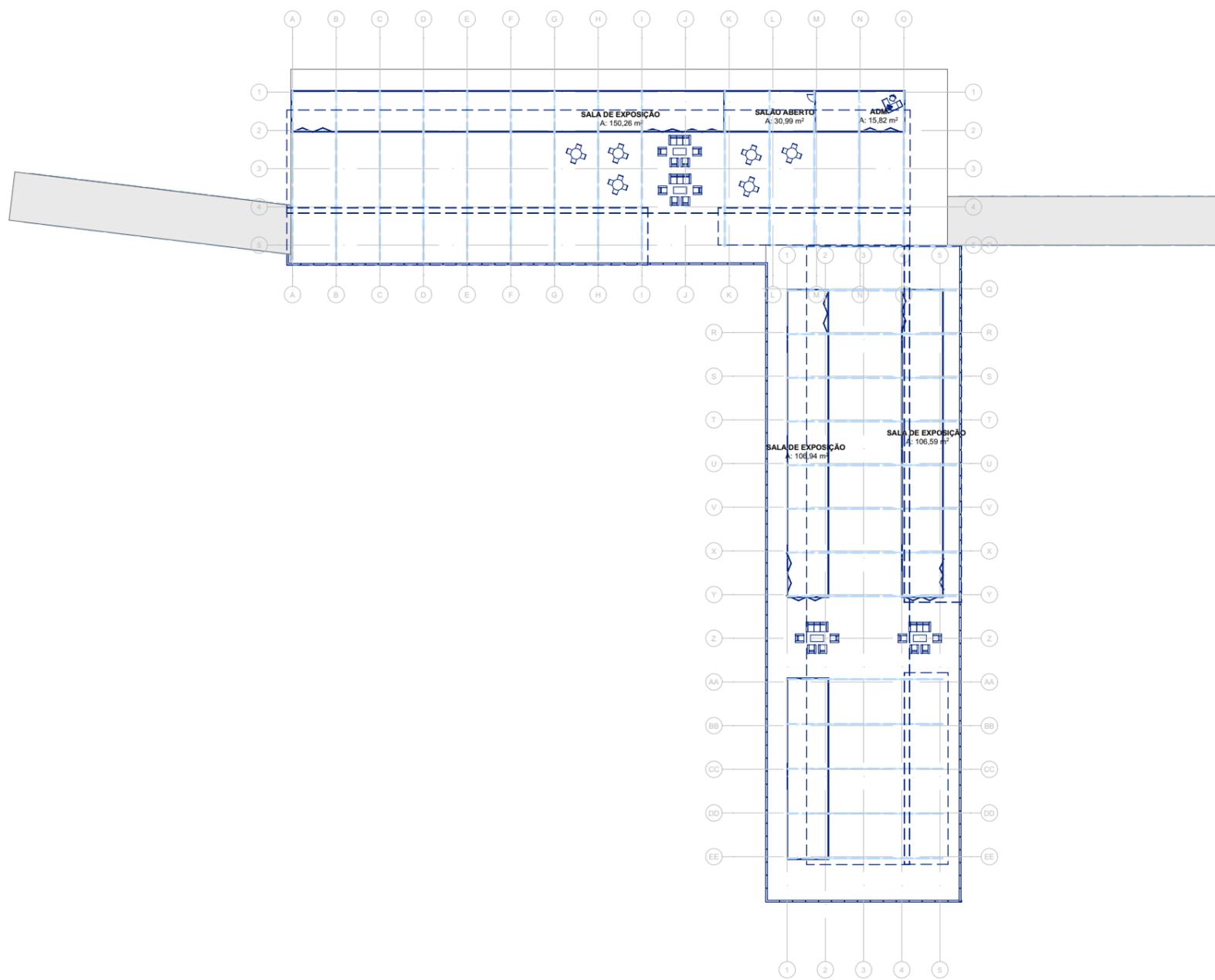
Planta Baixa
1:200



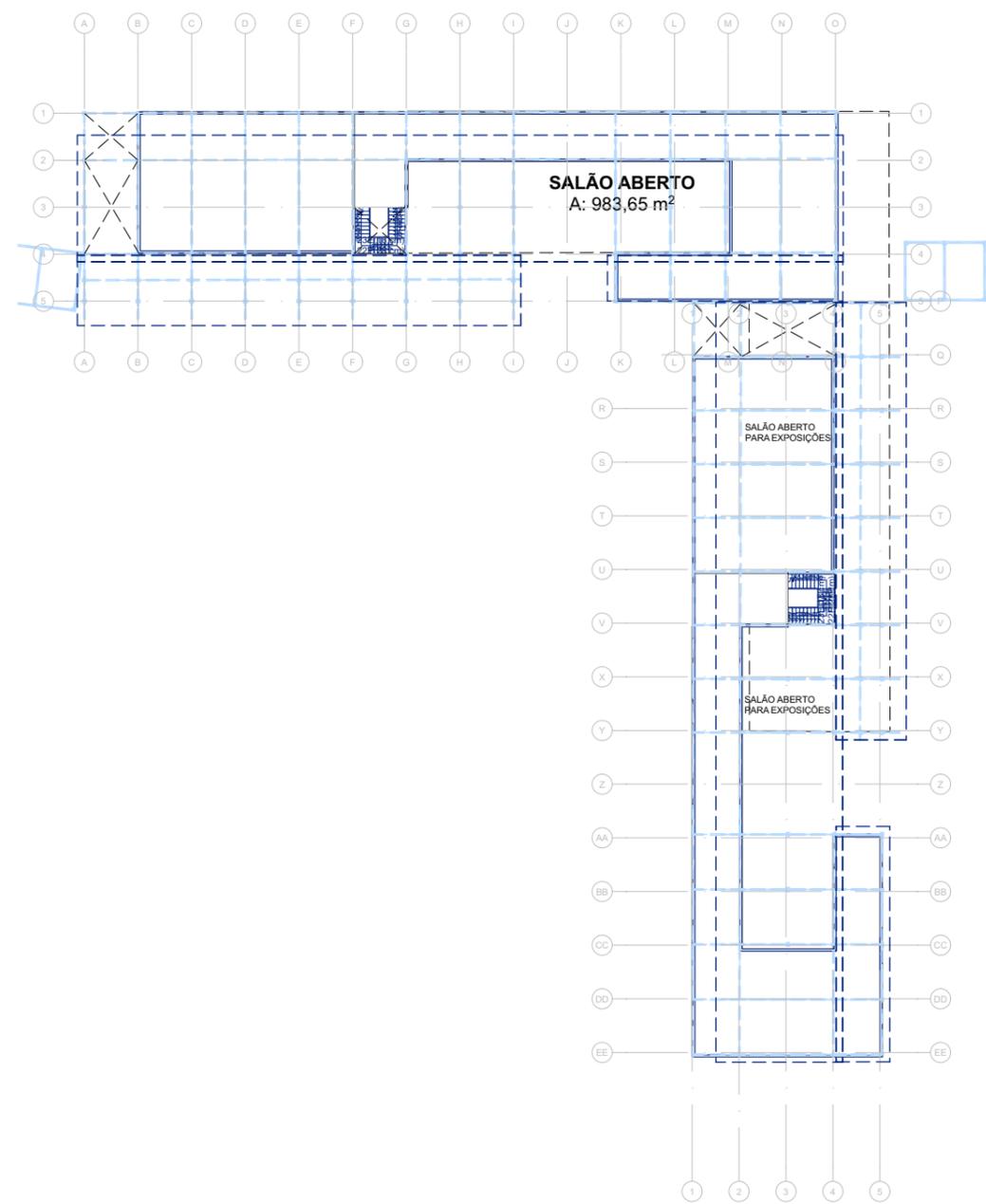
Isométrica
1:500



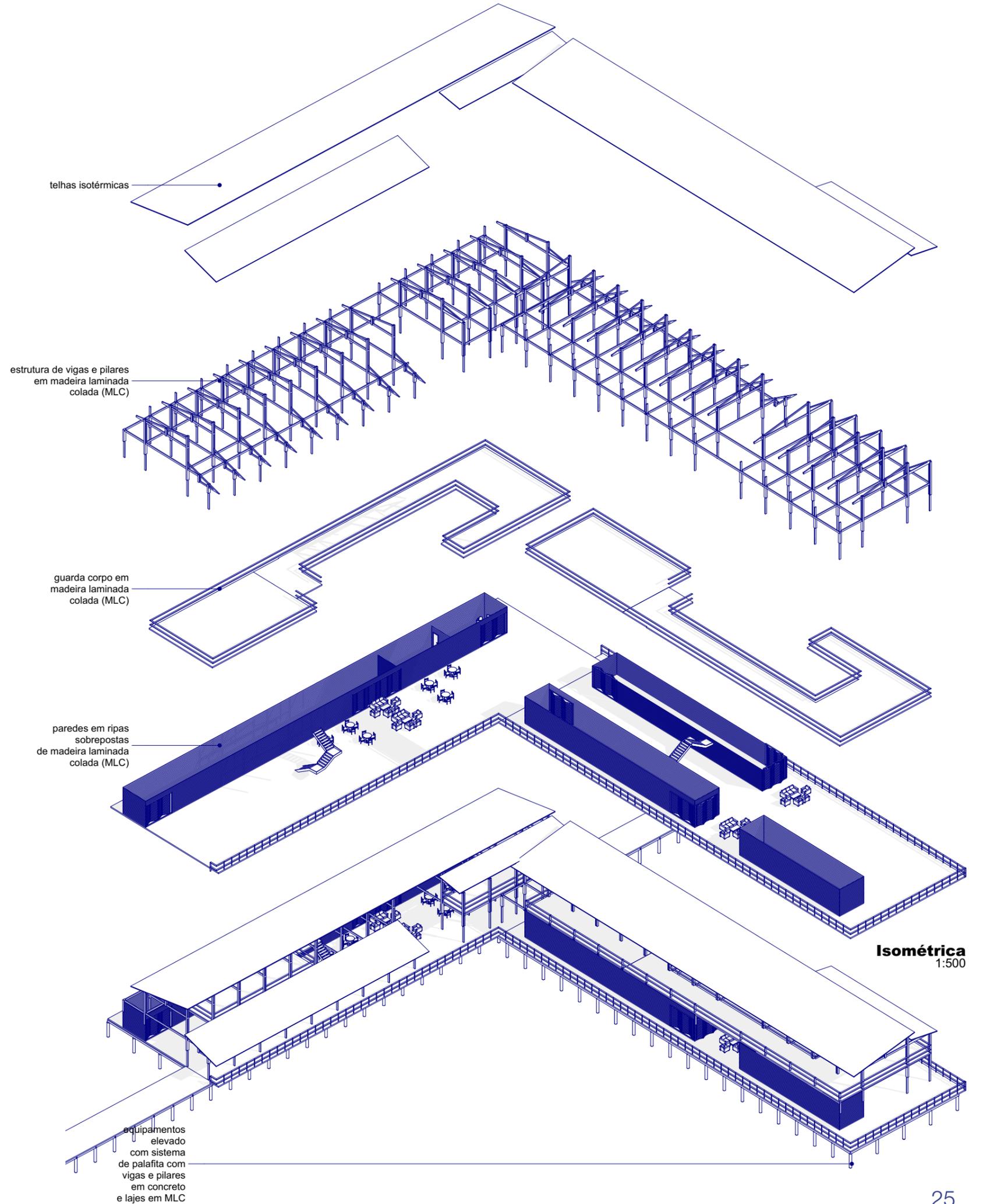
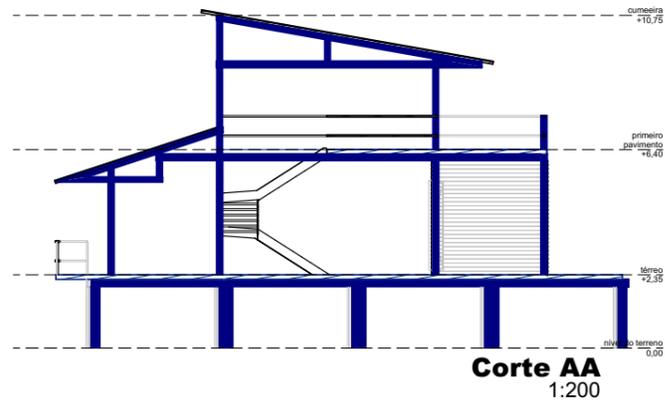
Corte AA
1:200



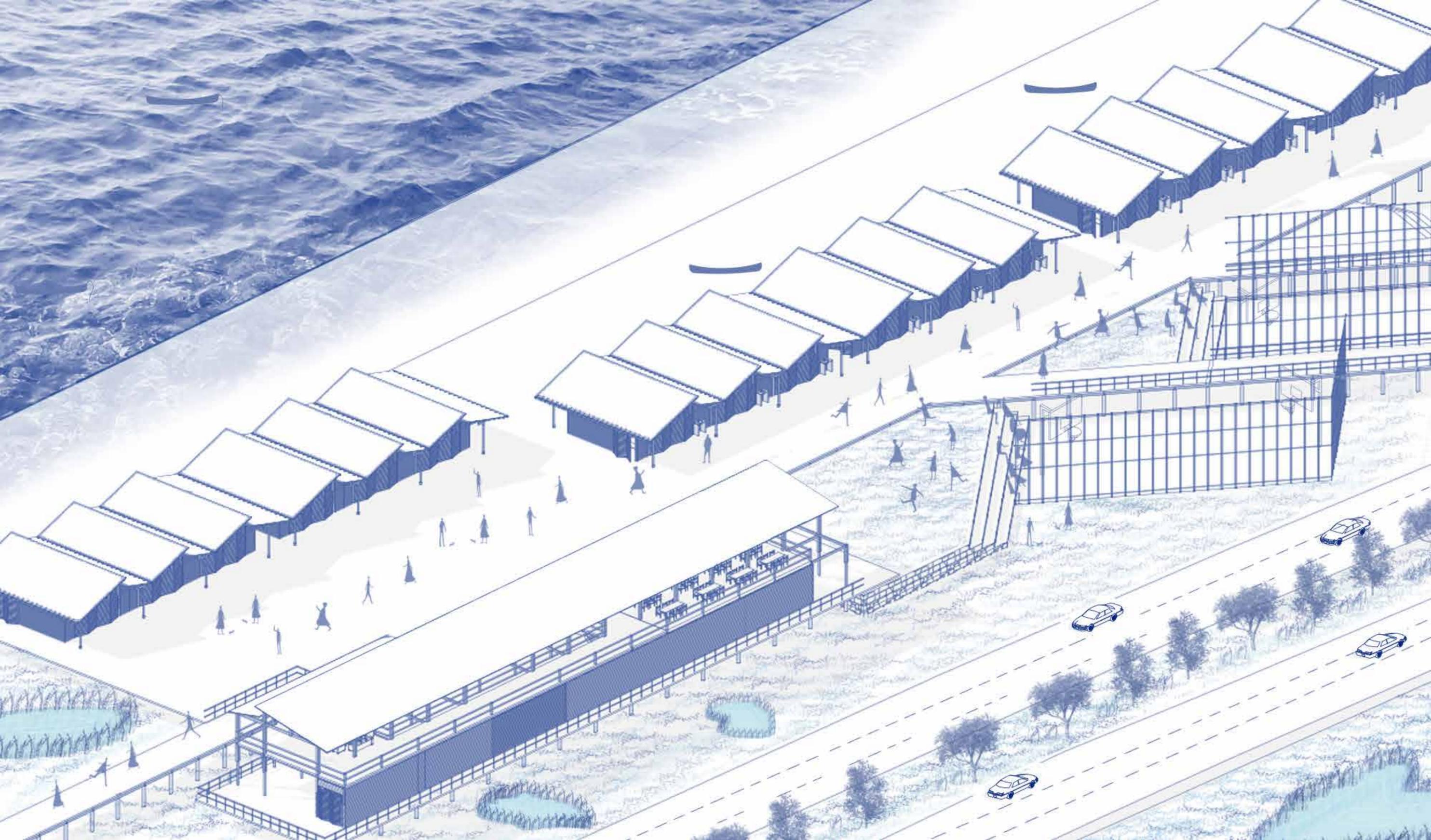
Pavimento Térreo
1:500



1º Pavimento
1:500

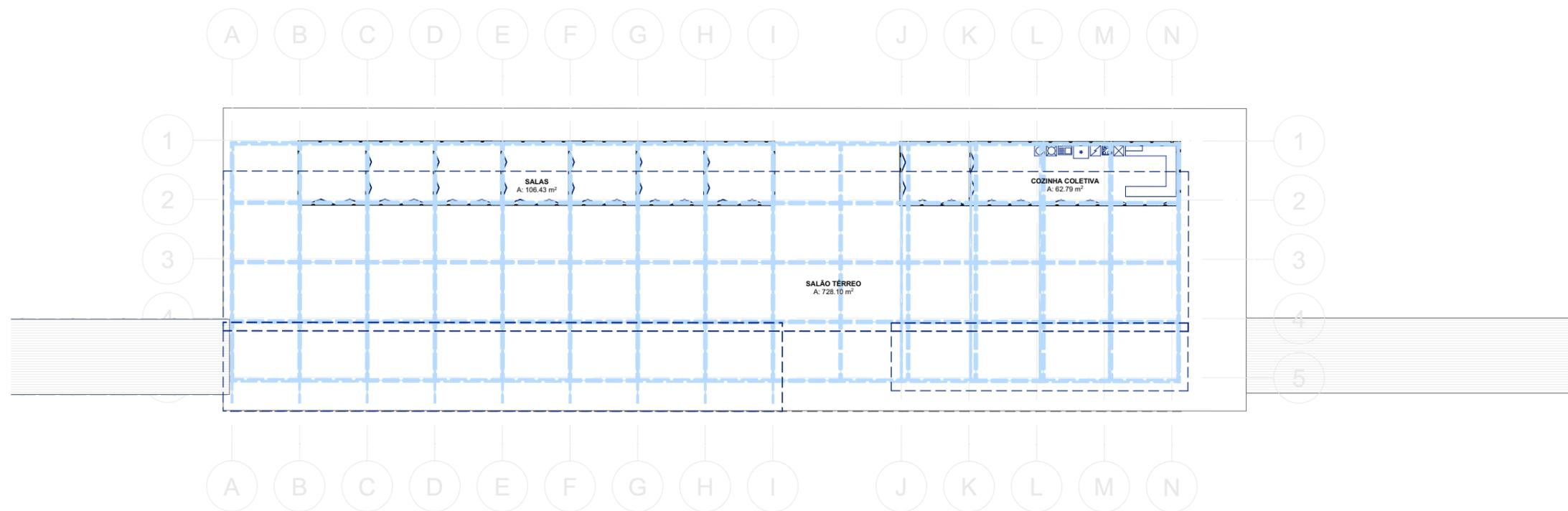


museu

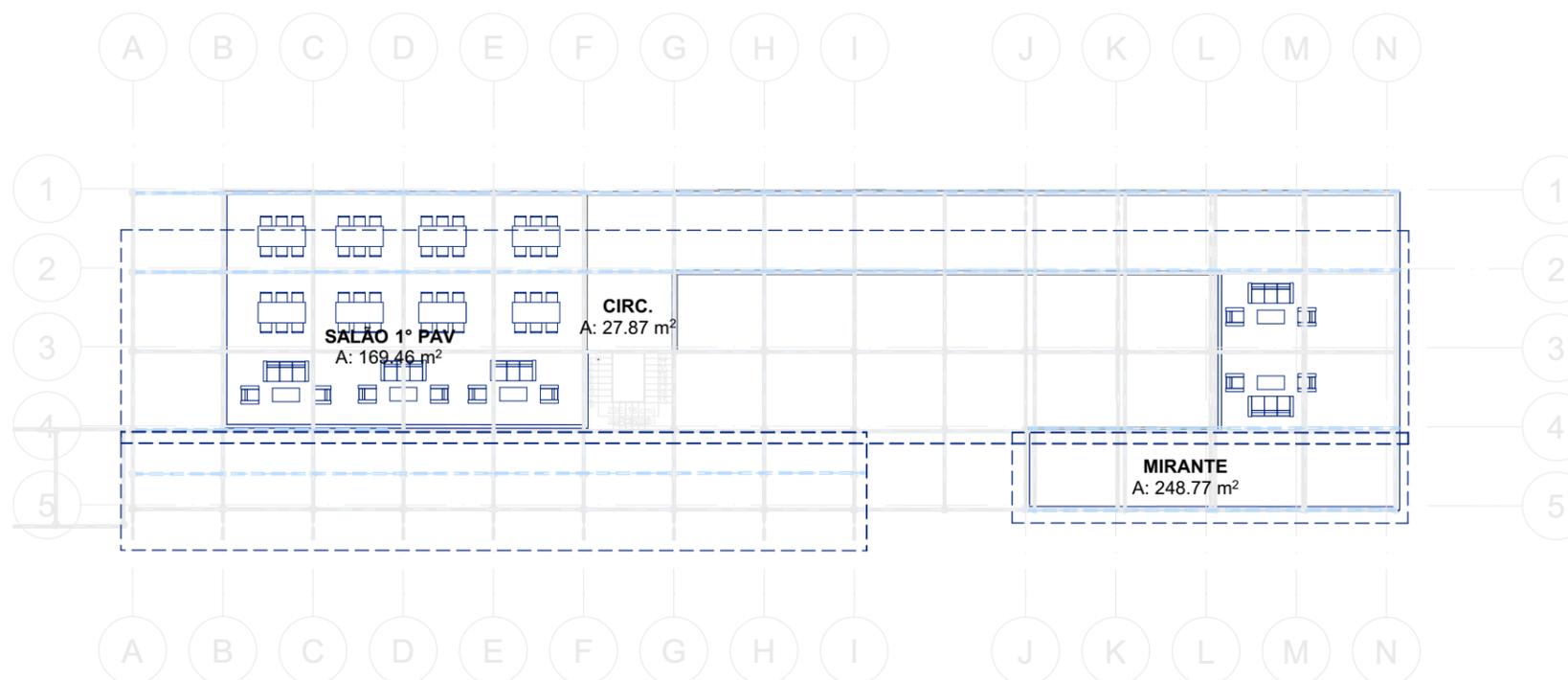


Perspectiva 03
centro comunitário e quadras poliesportivas

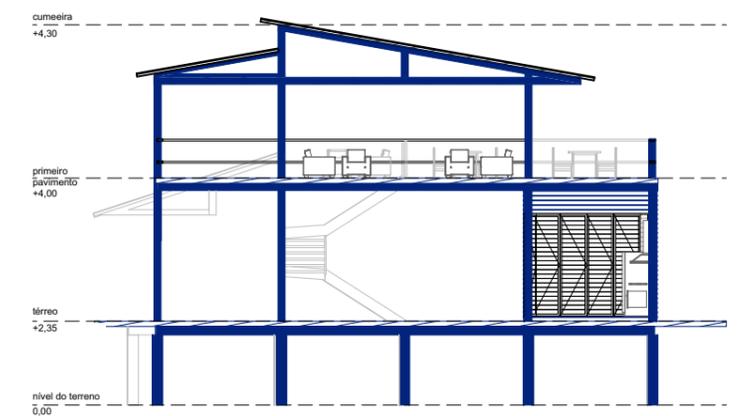
centro comunitário



Planta Baixa Térreo
1:300

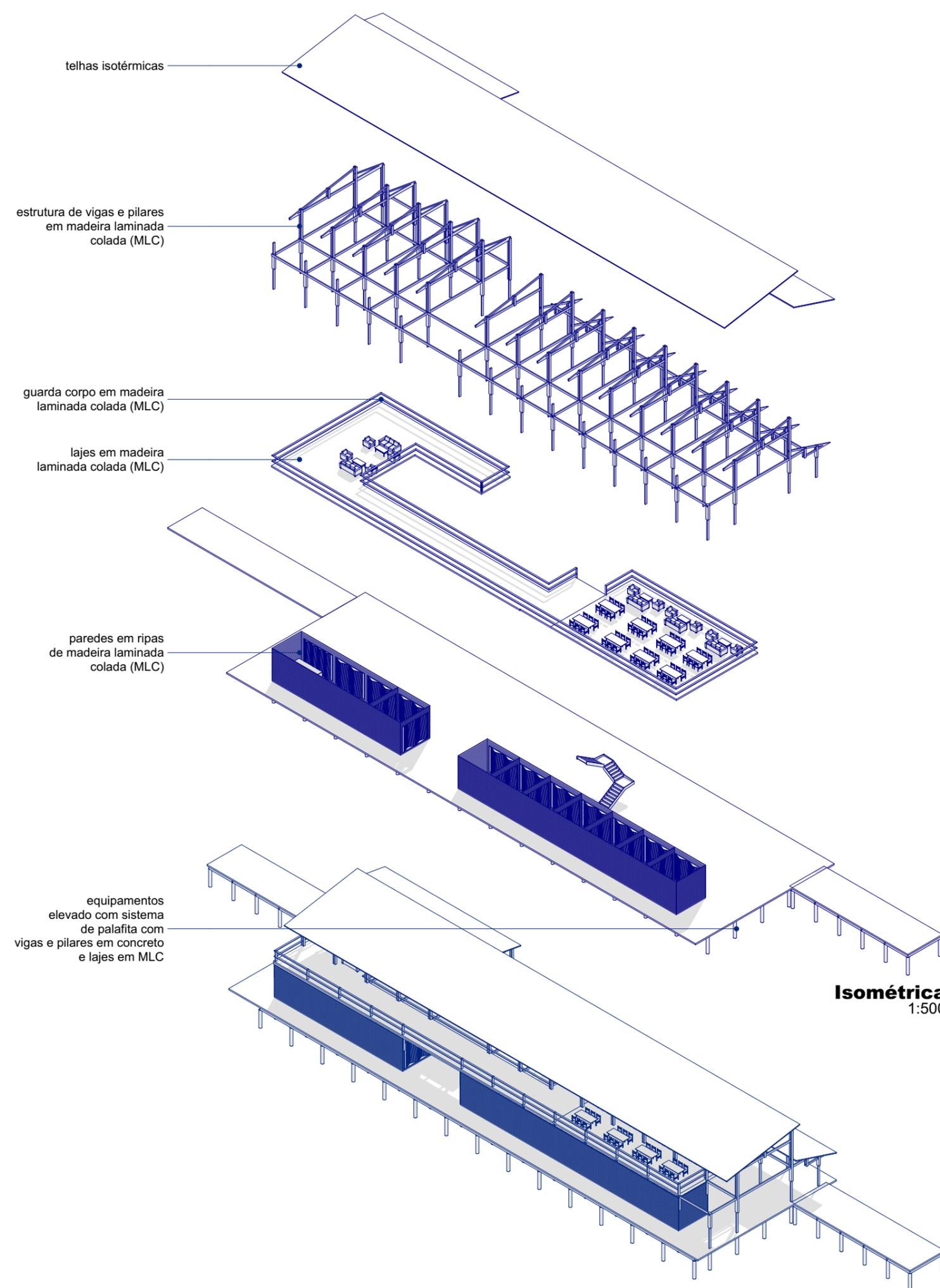


Planta Baixa - Primeiro Pavimento
1:300



Corte AA
1:200

centro comunitário



Referências

- AGUIAR, Jonathan de. Reassentamento de habitação social na Costeira do Pirajubaé. 2021. 31 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/224226>. Acesso em: 24 abr. 2023.
- BOHRZ, Rafael Sousa. Parque linear marítimo via sul: revitalização de orla da via expressa sul de Florianópolis. 2017. 74 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade do Sul de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/12292/1/TCC1%20-%20Rafael%20Sousa%20Bohrz.pdf>. Acesso em: 10 maio 2023.
- DUARTE, Natália Seeger. Redes, malhas e mãos: o processo artesanal da rede de pesca do mar ao ateliê mostrar registro completo. 2018. 122 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Sociais, Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/185828>. Acesso em: 24 mar. 2023.
- GROSSKOPF, Gabriel George. Pesca artesanal: trabalho e modo de vida na barra da lagoa. 2019. 66 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/200646>. Acesso em: 24 mar. 2023.
- HIPÓLITO, Fellipy Souza. Manguezal no cotidiano: uma proposta para o parque municipal do manguezal do Itacorubi. 2020. 30 f. TCC (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/204837>. Acesso em: 24 abr. 2023.
- MAGNANTI, Isabella. Escola do Mar: um espaço de desenvolvimento e valorização ambiental, cultural e social na tapera, ribeirão da ilha. 2020. 43 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/204830>. Acesso em: 19 maio 2023.
- MARTINS, Alcir Albano. Costeira do Pirajubaé (Florianópolis-SC): atividades extrativistas e urbanização. 2003. 85 f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Ciências da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
- MATOS, Felipe. Berbigão: memória, tradição e cultura. Florianópolis: Do Autor, 2023. 57 p. Disponível em: https://www.academia.edu/98847703/Berbig%C3%A3o_Mem%C3%B3ria_Tradi%C3%A7%C3%A3o_e_Cultura. Acesso em: 06 abr. 2023.
- NÓR, S. O lugar como imaterialidade da paisagem cultural. Paisagem e Ambiente, [S. l.], n. 32, p. 119-127, 2013. DOI: 10.11606/issn.2359-5361.v0i32p119-127. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/88090>. Acesso em: 17 dez. 2023.
- RABELLO, Simone Regina. Considerações acerca da colônia de pescadores da Costeira do Pirajubaé, Ilha de Santa Catarina, frente à via expressa sul: perda ou ampliação do território?. 1997. 103 f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Geociências, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/177655>. Acesso em: 10 maio 2023.
- RAMOS, Ravi Alvarenga Porto. Uma Ilha e Suas Baías: buscando conexões entre terra e mar. 2022. 22 f. TCC 1 - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/237464/Caderno%20TCC1_Final_compac.pdf?sequence=2&isAllowed=y. Acesso em: 10 maio 2023.
- RAMOS, Ravi Alvarenga Porto. Uma Ilha e Suas Baías: uma proposta de rede náutica para as baías. 2022. 31 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/237464>. Acesso em: 10 maio 2023.
- SCHLEDER, Carolina Silva e Lima. Urbanização em áreas de risco: uma proposta para a costeira do Pirajubaé. 2020. 40 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/204860>. Acesso em: 24 abr. 2023.
- TIEPPO, Ticiania Toniolo. Centro de cultura, lazer e serviços na Beira Mar de São José SC. 2006. 62 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/220852>. Acesso em: 29 mar. 2023.
- VIDIGAL, Maria Fernanda Modesto. Escala do cotidiano, borda d'água e espaços públicos: o caso da barra da lagoa em Florianópolis. 2018. 44 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/217135>. Acesso em: 29 mar. 2023.